



## RESOLUÇÃO Nº 053/2016 – CONEPE

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, na modalidade educação à distância, vinculado à Diretoria de Gestão de Educação à Distância - DEAD/PROEG/UNEMAT.

A Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONEPE, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no uso de suas atribuições legais, considerando Processo nº 561630/2016; Parecer nº 022/2016-DEAD; Of. nº 218/2016-PROEG/DEAD; Parecer nº 028/2016 CONEPE-CSE e a decisão do Conselho tomada na 3ª Sessão Ordinária realizada nos dias 22 e 23 de novembro de 2016,

### RESOLVE:

**Art. 1º** Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, na modalidade educação à distância, vinculado à Diretoria de Gestão de Educação à Distância - DEAD/PROEG/UNEMAT.

**Art. 2º** O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História visa atender a legislação nacional vigente, as Diretrizes Curriculares Nacionais e normativas internas da UNEMAT e tem as seguintes características:

- I. Carga horária total do Curso: 2.960 (duas mil, novecentos e sessenta) horas;
- II. Integralização: mínimo 08 (oito) semestres; máximo 12 (doze) semestres;
- III. Período de realização do curso: Integral;
- IV. Forma de ingresso: o ingresso do aluno no curso será por meio de processo público de seleção – Vestibular – regulamentado por edital próprio, realizado e organizado pela UNEMAT.

**Art. 3º** No Anexo Único desta Resolução consta o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História.

**Art. 4º** Esta Resolução entra em vigor na data de sua assinatura.

**Art. 5º** Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em Cáceres/MT, 22 e 23 de novembro de 2016.

  
**Profa Dra Ana Maria Di Renzo**  
Presidente do CONEPE



## ANEXO ÚNICO RESOLUÇÃO Nº 053/2016 – CONEPE

### PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

#### IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

**SETOR DE CIÊNCIAS:** Ciências Humanas

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA:** Modalidade a Distância

**TÍTULO (GRAU):** Licenciado em História

**DURAÇÃO:**

**MÍNIMA:** 08 semestres

**MÁXIMA:** 12 semestres

**LOCAL DE FUNCIONAMENTO:** Entrada 2017/1 – Polos de Apoio Presencial

**REGIME:** Semestral

**NÚMERO DE VAGAS:** 200 vagas, sendo 50 por Polo

**CONDIÇÕES DE INGRESSO – Vestibular**

**LEGISLAÇÃO BÁSICA:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96

**LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA:** Parecer CNE/CES 492, de 3 de abril de 2001; Parecer CNE/CES 1363 de 12 de dezembro de 2001; Resolução CNE/CES nº 13 de 13 de março de 2002; Legislação da Formação de Professores da Educação Básica Resolução CP/CNE nº 01 de 18 de fevereiro de 2002; Resolução CP/CNE nº 02 de 19 de fevereiro de 2002.

A proposta do curso segue todas as regulamentações Internas da UNEMAT para as licenciaturas e o ensino a distância.

#### CAPÍTULO I A UNEMAT NO CONTEXTO DE MATO GROSSO E A EAD

A Universidade do Estado de Mato Grosso, tal como é conhecida hoje, foi criada em 20/07/78 como Instituto de Ensino Superior de Cáceres – IESC. Em 19/12/85 passou a ser designada Fundação Centro Universitário de Cáceres – FUCUC – e em 17/07/89, Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres – FCESC. Na data de 16/01/92 cria-se a Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso – FESMAT e através da Lei Complementar n. 30, de 15/12/1993, é elevada a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, tendo como mantenedora a Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso. A UNEMAT, institucionalmente, está vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia – SECITEC, e legalmente é credenciada pelo Conselho Estadual de Educação – CEE/MT.

Com sede na cidade de Cáceres, a UNEMAT possui 13 *Câmpus* Universitários, conta ainda com 17 Núcleos Pedagógicos e atua diretamente em 20 Polos de Apoio Presencial localizados em diferentes regiões do Estado de Mato Grosso. Neste cenário, a UNEMAT encontra-se inserida em 117 dos 142 municípios que formam o Estado, proporcionando assim, o acesso ao ensino superior público para a população do interior do Estado, bem como, a qualificação para as atividades profissionais, priorizando especificidades regionais e respeitando as características sócio-ambientais, contribuindo, desta forma, com o desenvolvimento científico, tecnológico, educacional, econômico, social e cultural de Mato Grosso.

A Universidade, ao longo de sua existência, tem se dedicado à formação de professores e à questão ambiental, em decorrência das próprias características do Estado e, também, pela sua organização *multiCâmpus*.



Os Projetos Pedagógicos dos cursos ofertados pela UNEMAT, independentemente da modalidade, têm como prioridade acadêmica o acompanhamento e a flexibilização curricular com vistas à melhoria do ensino. A Universidade está atenta ao processo contínuo de mudanças que ocorrem na sociedade e consciente do seu papel institucional na formação do cidadão. Para tanto, os projetos pedagógicos dos cursos estão sendo constantemente revistos, seguindo as novas orientações do Ministério da Educação. Mais especificamente, entende-se que uma diretriz pedagógica traduz-se pela explicitação dos referenciais teóricos, metodológicos e práticos que devem permear as ações docentes e discentes no cumprimento do exercício de suas funções e atividades concernentes, a exemplo da coerência teórico-prática entre atividades de ensino, pesquisa e extensão, dentre outras.

No tocante aos projetos pedagógicos, entende-se que seja uma instância importante das diretrizes pedagógicas, na medida em que se configuram como extensão dessas expressas especificamente por esses cursos. Nesse sentido, estão sendo sistematizados por cursos, estabelecendo as diretrizes e a condução da atual estrutura curricular em funcionamento.

Nessa direção, a UNEMAT tem-se pautado na sua trajetória histórica, na valorização de comportamentos éticos e humanistas na formação de especialistas, mestres e doutores, institucionalização do processo de educação continuada e compromisso com a qualidade do processo ensino aprendizagem.

## CAPÍTULO II A DEAD/UNEMAT

O primeiro credenciamento institucional da UNEMAT para oferta de cursos a distância ocorreu em 03 de fevereiro de 2005, por um período de 03 anos. Com o credenciamento ocorreu a regularização do curso de graduação em Pedagogia, habilitação em Licenciatura para as séries iniciais do ensino fundamental, que estava sendo desenvolvido, desde 1999, a partir de uma parceria estabelecida entre a UNEMAT, a Secretaria de Estado de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso e diversos municípios do Estado de Mato Grosso.

Com o Programa Pró-Licenciatura, criado em 2005, a UNEMAT ampliou a política de interiorização de cursos de graduação a distância no Estado de Mato Grosso. A partir desse Programa, a Instituição ofertou o curso de Licenciatura em Educação Infantil, por meio de uma parceria interinstitucional estabelecida pelo consórcio Pró-Formar. O objetivo desse consórcio era o de estabelecer uma rede de formação entre: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), Universidade Federal de Lavras (UFLA) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

No ano de 2008, a UNEMAT passou a integrar o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Esse sistema, instituído pelo Decreto 5.800, de 08 de junho de 2006, tem suas ações realizadas a partir da colaboração entre a União, as Secretarias de Estado, as Universidades e as Prefeituras Municipais.

Através da modalidade a distância a UNEMAT atende atualmente 5.819 alunos em 18 polos situados em diversos municípios do Estado de Mato Grosso e se prepara para ofertar novas vagas por meio de cursos propostos em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UAB/MEC. É neste cenário que se inscrevem os cursos ofertados os quais tem alcançado resultados positivos na melhoria do ensino e da educação, na qualificação profissional dos professores em exercício e na expansão da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade.

A Educação a Distância da UNEMAT tem se constituído em mais uma instância de democratização do ensino e de inclusão social. Os Programas de Formação organizados a partir dessa modalidade educativa são desenvolvidos por meio da Diretoria de Gestão de Educação a



Distância – DEAD, cujas ações estão voltadas prioritariamente ao atendimento das demandas de formação do interior do Estado de Mato Grosso.

O Curso de Licenciatura em História, proposto pela UNEMAT/DEAD, um programa nacional implantado pela CAPES, em regime de colaboração com as Secretarias de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e com as Instituições de Ensino Superior (IES), para oferta de cursos na modalidade a distância, no âmbito do Sistema UAB.

### CAPÍTULO III HISTÓRICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA PRESENCIAL

O Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Cáceres teve seu início em 1990/2 como parte do projeto de expansão da Fundação Estadual de Ensino Superior de Mato Grosso, sendo autorizado por Decreto Presidencial de 11 de setembro de 1992, publicado no DOU de 14/09/1992. O primeiro reconhecimento deu-se através da Portaria nº 860/98 – SEDUC/MT, publicada no DOE DE 23/10/98, pelo período de 02 anos.

Em novembro de 2001, foi publicada a Portaria nº 064/01–CEE/MT que renovou, pelo prazo de cinco anos, o reconhecimento do curso de Licenciatura Plena em História, vigente até 24/10/2005.

Em 15/08/2006 é aprovado o Parecer N. 193/2006 relacionado ao Processo N. 455/2005 – CEE/MT, que solicita Renovação e Reconhecimento do Curso de Licenciatura Plena em História – Câmpus Universitário de Cáceres – UNEMAT, pelo período de 01/04/2006 a 31/03/2009 e reconhecimento do Curso de Licenciatura Plena em História – Turma Especial – Câmpus Universitário de Tangará da Serra, Turma Única. Prorrogação da Visita *In Loco* para o Curso de Licenciatura Plena em História – Turma Especial – Vale do São Lourenço – Município de Jaciara.

Ao longo deste tempo o curso sofreu adequações e reformulações, visando atender às inovações da legislação e recomendações das comissões de verificação *In Loco*, que culminaram na expedição das resoluções, que seguem:

Resolução N. 027/2001 – CONSUNI que aumentou o número de oferta de vagas semestrais de 30 para 40;

Resolução N. 005/2001 *Ad Referendum* do CONEPE, homologada pela Resolução N.018/2001 – CONEPE – que aprovou a adequação Curricular do projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em História do Câmpus Universitário de Cáceres;

Resolução N. 004/2004 – CONEPE que aprova a adequação da matriz curricular do Curso de Licenciatura Plena em História do Câmpus Universitário de Cáceres.

Em 2003, através da Resolução N. 003/2003 – *Ad Referendum* do CONSUNI, é dado o início de expansão da oferta do curso na modalidade de curso fora de sede (aumento de vagas do curso regular, para serem ofertadas em outro Câmpus/Núcleo Pedagógico) com a oferta de cinquenta vagas para uma turma no Câmpus de Tangará da Serra. E em 2004, através do *Ad Referendum* N. 013/2004 – CONSUNI, homologado pela Resolução N. 08/2004 – CONSUNI inicia-se a oferta de mais 50 vagas no Núcleo Pedagógico do Vale do São Lourenço, tendo como município sede, Jaciara. Esta modalidade de oferta é possibilitada através das parcerias (convênios) estabelecidas entre a FUNEMAT e os municípios.

Resolução N. 105/2005 – *Ad Referendum* do CONEPE – que altera os incisos III E IV do § 1º do Art. 2º da Resolução nº 004/2004 – CONEPE, que aprova a adequação da matriz curricular do Curso de Licenciatura Plena em História do Câmpus Universitário de Cáceres;

Resolução N. 133/2007 – CONEPE aprova a transferência de responsabilidades da turma fora de Sede do Curso de Licenciatura Plena em História – Turma Única, ofertada no Núcleo Pedagógico do Vale do São Lourenço, para o Programa de Licenciaturas Plenas Parceladas – DILIPA;



Resolução N. 164/2007 – CONEPE aprova a reformulação da Área de Concentração e das Linhas de Pesquisa do Curso de Licenciatura Plena em História do *Câmpus* Universitário “Jane Vanini” – Cáceres/MT.

Portaria N. 079/2009, de 16/12/2009, publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) em 21/12/2009 que renovou o reconhecimento do Curso de História por 05 anos, a contar de 01/04/2009.

Em 2012/2 adequação da Matriz Curricular consoante à Instrução Normativa 004/2011–GR/UNEMAT, que dispõe sobre os procedimentos de migração e revisão das matrizes curriculares dos cursos de graduação da UNEMAT, para implantação do sistema de crédito em todas as modalidades de curso. Esta adequação iniciar-se-á no semestre letivo de 2013/1.

## CAPÍTULO IV PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO PEDAGÓGICO

### 4.1. O CURSO, SUAS FINALIDADES E CAMPO DE ATUAÇÃO

No curso de Licenciatura Plena em História, na modalidade a distância, a prática pedagógica visa o protagonismo do professor de História pautado em reflexões acerca de aspectos políticos, sociais e culturais da ação educativa, valorizando a experiência investigativa, isto é, a articulação de fontes históricas com o instrumental teórico. Em função disso, o curso deve estimular o pensamento crítico e a autonomia intelectual, os princípios e valores éticos, reconhecendo e respeitando a diversidade e alteridade dos sujeitos sociais. Ao mesmo tempo, pressupõe o domínio das diversas concepções teórico–metodológicas que dão sustentação às categorias de análise, investigação e construção das relações sociais e históricas, assim como a compreensão dos conteúdos básicos dos distintos tempos históricos, visando a construção da prática pedagógica nos múltiplos espaços educacionais.

Nestes termos, a formação acadêmica no curso estará articulada com duas linhas de pesquisa nas quais atuam os professores. São elas:

1. Cultura, Diversidade e Ensino de História;
2. Cultura, Memória, Sociedade e Poder.

A nova dinâmica impressa pela educação à distância está relacionada aos avanços científicos e tecnológicos da atualidade, cada vez mais necessária à democratização do ensino, constituindo–se em um importante instrumento de inserção de pessoas no universo digital, ampliando a capacidade dos brasileiros compartilharem conhecimentos e informações, inserindo–se como interlocutores nos cenários nacional e internacional, ao invés de meros usuários de tecnologias.

Esta proposta apresenta–se, portanto, como uma alternativa para suprir as necessidades diversificadas de formação docente inicial, qualificação e atualização profissional. A opção pela modalidade a distância sustenta–se no entendimento da complexidade do real vivido pelas populações apontadas, estabelecendo uma multiplicidade de ações simultâneas e num intenso processo de transformação, questionando a segmentação e dissociação entre os diferentes campos do saber.

Desta forma, o ensino a distância é a modalidade de formação acadêmica mais adequada para que as distintas populações, sobretudo as de Mato Grosso, sejam contempladas com ensino superior uma vez que as grandes distâncias geográficas, infraestrutura e outras dificuldades sejam superadas com o uso de tecnologias da informação no processo educacional.

A LDBEN 9394/96 trata a questão da formação profissional inicial de forma mais ampla, no capítulo XIII – Da Educação Superior:

**Art. 64** E, educação superior realiza–se através do ensino, da pesquisa e da extensão.

**§1º** O Ensino Superior tem por objetivos:

- I. Aperfeiçoar a formação do homem para a atividade cultural;



II. Capacitá-lo para o exercício de uma profissão;

III. Prepará-lo para o exercício da reflexão crítica e a participação na produção, sistematização e superação do saber.

§2º A pesquisa tem por objetivo o avanço do conhecimento teórico e prático, em seu caráter universal e autônomo, e deve contribuir para a solução dos problemas sociais, econômicos e políticos, nacionais e regionais.

§3º A extensão, aberta à participação da população, visará difundir as conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

A formação inicial de um profissional de nível superior deve capacitá-lo como professor, prepará-lo para participar da produção, sistematização e superação do saber e assumir responsabilidade social. Por isso a formação profissional baseia-se na unidade teoria-prática, base do tripé universitário: ensino – pesquisa – extensão.

Estes princípios valem para todas as áreas, mas, especificamente para a formação de profissionais para educação, a LDBEN estabelece:

Capítulo XVII: Dos Profissionais da Educação

### Seção I Da Formação

**Art. 94** A formação do profissional da educação far-se-á em cursos específicos, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino.

Nesta lei, a formação do profissional para a educação tem características próprias que devem ser tratadas nos cursos específicos como foram explicitadas no plano de avaliação do ensino superior do MEC – em 1996, através do Exame Nacional de Cursos.

Na política de avaliação de cursos em nível superior e na lei que define a formação inicial aponta-se o perfil do novo profissional para a Educação, subdividido em áreas específicas.

Na formação do profissional de História indica que deverá ser:

a) Profissional com habilitação que lhe permita atuar nos vários campos em que se faça necessário seu conhecimento. Isso significa que o historiador deve estar preparado para as atividades profissionais de pesquisa, ensino e outras modalidades de atuação que envolvam as informações e instrumentos de trabalho concernentes ao conhecimento histórico, com domínio amplo desse campo de conhecimento e das práticas essenciais de sua produção e difusão;

b) Profissional consciente da responsabilidade social de seu trabalho. Isso significa que ele deve assumir a responsabilidade de produzir um tipo de conhecimento com implicações sociais, já que trata da consciência do passado comunitário que todo o grupo humano necessita para sua identificação, orientação, sobrevivência no presente e proposição de futuro. Por isso, a História, a par da legitimação/contestação de diferentes projetos sobre a sociedade, é importante para a cidadania. Assim, um aspecto decisivo no ofício do historiador consiste em estar atento para que os usos do discurso histórico apontem para o fortalecimento da prática da cidadania.

No plano de avaliação do MEC a formação em nível teórico e prático do profissional de História deve ser sólida para atuar em vários espaços sociais e o curso de graduação para isto precisa de um consistente suporte teórico em relação a produção do conhecimento histórico, que propicie amplo domínio desse campo e das práticas de produção e difusão, que tem implicações sociais e influências na atuação do historiador, no ensino, pesquisa e/ou outras modalidades.

A legislação para a melhoria da qualidade de formação do profissional de educação, em especial, na licenciatura em História deve realizar-se através de:

1. Avaliação anual do Colegiado de Curso junto aos acadêmicos de todos os semestres;

2. Seminários internos periódicos realizados na disciplina Metodologia e Prática de Ensino de História, com alunos do último ano do curso, após as atividades de mini-curso – pesquisa



histórica – participação e direção de classe, quando os acadêmicos–estagiários comentam a validade das práticas e apontam as possibilidades de melhoria para o curso.

Neste curso de História a distância a formação de novos professores de História atentará para:

A unicidade na formação profissional, durante o curso, para garantir uma formação sólida não só do futuro professor, mas também dos professores em formação;

A necessidade de um referencial teórico atualizado que possibilite ao futuro professor efetivar a transcrição didática e, possa fazê-la de acordo com as concepções historiográficas mais atualizadas, atendendo as novas propostas para o ensino de História;

O trabalho efetivo numa nova concepção de documentos históricos e novas linguagens para o ensino de História, proporcionando um referencial que contemple procedimentos de análise específicos para esses documentos, possibilitando o uso de imagens (digitais e impressas), jornais, fontes orais, entre outros, não apenas como recursos didáticos, mas como fontes históricas para a construção do saber escolar;

O maior contato com o cotidiano escolar, preparando o futuro professor para a realidade em que atuará.

Seguindo o disposto nas legislações sobre a formação do profissional da Educação e aspectos levantados em diversas formas de avaliação, esta proposta de curso reconhece a importância de promover a formação do historiador–professor ou professor–historiador com formação teórica consistente para uma atuação eficaz no ensino e na pesquisa.

## **CAMPOS DE ATUAÇÃO**

O licenciado em História poderá atuar nos seguintes campos:

1. Prioritariamente no ensino de história e suas áreas conexas da educação básica;

2. Em instâncias não regulares de ensino, com programas de formação social para a cidadania e associações de classes e de moradores, entre outros segmentos sociais, capacitação de pessoal no campo empresarial, sindicatos e ONG's;

3. Na produção bibliográfica e de materiais de suporte para atividades didáticas e pedagógicas de ensino de História e áreas conexas como textos, livros, apostilas, vídeos, documentários, filmes, painéis, jogos, etc.

4. Na consultoria na área de História em projetos de atividades culturais, educacionais, religiosas, comunitárias, sindicais, não governamentais e outras que possuam elementos ligados a História e ao ensino;

5. Nas assessorias institucionais em diversas áreas, desenvolvendo projetos e programas referentes ao profissional de História para ações de caracterização, importância e preservação de fontes históricas e patrimônio histórico;

6. Em museus, arquivos públicos municipais e estaduais e de entidades privadas, lugares de memória, nos diversos campos do turismo, meios de comunicação, exposições, eventos e a colaboração no campo das artes (teatro, cinema, televisão), na elaboração de roteiros e/ou consultorias sobre cenários e outros elementos da produção artística.

## **4.2. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES BÁSICAS EXIGIDAS PARA O PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

### **A – Competências**

Considerando os diferentes espaços de produção e socialização do conhecimento este Curso define as seguintes competências para a formação do profissional de História:



1. Capacidade de o discente perceber o ofício da docência – ensino, pesquisa e extensão – como compromisso político–social, valorizando o exercício da cidadania como um bem comum. No percurso da formação há necessidade de constituir compromissos e responsabilidades com as questões do tempo histórico trabalhando com análises, questionamentos e contextualizações;
2. Operar com a diversidade de temas, objetos e abordagens históricas, concepções didático–metodológicas voltadas ao ensino da História, fugindo de um discurso hegemônico acerca da produção do conhecimento histórico e do seu ensino na educação básica;
3. Aprender a problematizar diversas dimensões das experiências dos sujeitos históricos e constituir diferentes relações de tempo e espaço, articulando passado e presente para compreender questões contemporâneas na atuação profissional;
4. Formular interpretações propostas pelas diversas temáticas e tendências historiográficas relacionadas ao exercício da docência distinguindo diferentes discursos, metodologias, teorias e práticas pedagógicas;
5. Aquisição de uma consistente base de informações, saberes históricos e outros conhecimentos, além de uma fundamentação teórico–metodológica, essenciais ao processo de ensino–aprendizagem em História;
6. Transitar pelas fronteiras da Historiografia e de outras áreas do conhecimento, especialmente os oriundos da educação e formação docente demarcando o campo específico da atuação profissional no tempo presente;
7. Percepção do aluno sobre a indissociabilidade entre pesquisa, produção do conhecimento e ensino, operacionalizando as fontes documentais e diferentes linguagens, necessárias à prática pedagógica;
8. Domínio das legislações que regem os sistemas oficiais de ensino no país;
9. Lidar com as tecnologias de informação, articulando as experiências que os alunos compartilham no seu cotidiano com o processo de ensino–aprendizagem;
10. Produzir práticas didático–pedagógicas capazes de lidar com as diferenças de gênero, raças, credos, etnias, necessidades especiais e outras situações.

## **B – Habilidades**

Dentro dessa perspectiva, serão habilidades exigidas do licenciado em História:

- Comunicação oral e escrita eficientes e de boa qualidade;
- Conhecimento dos diferentes campos de atuação docente do historiador, quer no espaço formal da escola, quer em espaços alternativos a este;
- Conhecimento dos processos psicológicos formativos da criança, do adolescente e do jovem, e de suas relações com o processo formal e informal de ensino–aprendizagem;
- Domínio do quadro institucional que conforma a estrutura do ensino no Brasil em seus níveis fundamental, médio e superior;
- Conhecimento da legislação que rege a educação no Brasil, em seus diversos níveis;
- Domínio dos princípios, metodologias e técnicas de articulação dos conteúdos históricos com a realidade escolar;
- Domínio dos processos didático–pedagógicos de articulação e planejamento do ensino em suas diversas instâncias;
- Produção de projetos de divulgação do conhecimento histórico, pesquisa, sistematização e disponibilização de saber no campo da História;
- Gerenciamento das dimensões didático–pedagógicas do patrimônio e de atividades culturais em geral relacionadas à área de História;



- Produção de material didático para uso escolar e não–escolar e de materiais de divulgação científica para uso geral, integrando ensino e pesquisa na área;
- Domínio das linhas gerais dos processos históricos e as respectivas elaborações historiográficas;
- Compreensão e explicação dos diferentes conceitos que informam as estruturas e as relações de uma determinada realidade histórica;
- Operacionalização do reconhecimento, tratamento e utilização dos diversos fundos e fontes documentais para a produção do conhecimento histórico e sua aplicação no processo de ensino de História;
- Compreensão e abertura para a postura interdisciplinar, tanto na produção quanto na difusão, ensino e recomposição didática do saber histórico.

#### 4.3. PERFIL PROFISSIONAL

Seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais de História (DCN), o perfil profissional do docente requer a superação da dicotomia entre professor e pesquisador em História, considerando que para o exercício da docência é necessário o domínio das competências básicas da área de conhecimento não apenas em termos de conteúdo, mas também da produção.

Nesta proposta adota–se o conceito de professor–pesquisador ou professor como intelectual (GIROUX, LUPORINI, FENELON, VILLALTA). A formação docente requer domínio técnico–pedagógico, conhecimento de legislação, diagnósticos no campo escolar, pesquisa e produção de conhecimento no campo educacional e, mais especificamente, capacidade de análise e atualização da própria prática, bem como a habilidade de conhecer o público escolar nos seus componentes sócio–econômicos, psicológicos e cognitivos.

#### 4.4. PERFIL DO FORMADOR

- Autonomia intelectual e domínio instrumental teórico e técnico para a busca de informação nos diversos meios disponíveis;
- Atualização constante (consciência de que a formação inicial não substitui a formação continuada) e capacidade de percepção e adaptação às novas situações profissionais;
- Trabalho em equipe, inclusive disposição de participar e discutir ativamente a organização dos profissionais ligados à preservação de acervos e pesquisa histórica e da comunidade com ela envolvida, de forma a ser um agente de consolidação da democracia;
- Capacidade de posicionar–se criticamente diante da realidade, seja ela o conhecimento, a academia, o sistema educacional, as instituições de fomento cultural ou o conjunto social. Compreende–se que o profissional de história tem por obrigação primeira assessorar a comunidade em que vive e atua a pensar historicamente e criticar as situações dadas, visando a sua superação;
- Domínio das competências essenciais à recomposição didática dos conteúdos históricos no ensino formal e não–formal, bem como em situações de divulgação e socialização do conhecimento.

### CAPÍTULO V

#### PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR APROVADO PELA INSTITUIÇÃO

Avaliação do Rendimento Escolar do acadêmico normas da UNEMAT, compreende:

- a) Apuração da frequência às atividades presenciais;



**b)** Verificação da aprendizagem do acadêmico que ocorrerá através de avaliação presencial (AP) e a avaliação a distância (AD).

A aprovação em qualquer disciplina somente será concedida ao acadêmico que, cumprir as demais exigências, como frequência mínima de 75% das atividades presenciais, excetuando-se as avaliações presenciais em que a frequência obrigatória é de 100%.

A avaliação será processual em cada disciplina, realizada através de instrumentos como questionários, atividades práticas e outros previstos no Sistema de Avaliação da disciplina, proposto pelo professor e aprovado pelo Colegiado de Curso. Nas avaliações serão atribuídas notas e calculada a Média Aritmética (MA).

Para fins de verificação da aprendizagem as notas obtidas pelo acadêmico serão representadas numericamente, com valores de intervalo de zero (0,0) a dez (10,0). Será realizada prova presencial semestral por disciplina.

O resultado da avaliação da aprendizagem será calculado através de notas das avaliações processuais e da prova final efetuando-se a MA.

Ficará dispensado do exame final na disciplina o acadêmico que obtiver nota igual ou superior a sete (7,0), obtida pela média aritmética simples das verificações que será considerada como nota final de aprovação na disciplina.

Deverá prestar exame final na disciplina o acadêmico que obtiver nota entre cinco (5,0) e seis e nove (6,9), obtida pela média aritmética simples das verificações.

### **5.1. DESCRIÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS – COORDENAÇÃO, DOCÊNCIA E TUTORIA**

São atribuições do coordenador do Curso de Licenciatura em História, vinculado à diretoria da DEAD/UNEMAT:

- Coordenar, acompanhar e avaliar as atividades acadêmicas do curso;
- Participar das atividades de capacitação e de atualização desenvolvidas na instituição de ensino;
- Participar de grupos de trabalho para o desenvolvimento de metodologia, elaboração de materiais didáticos para a modalidade a distância e sistema de avaliação do aluno;
- Realizar o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos profissionais envolvidos no curso;
- Elaborar, em conjunto com o corpo docente do curso, o sistema de avaliação do aluno;
- Participar dos fóruns virtuais e presenciais da área de atuação;
- Realizar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos de alunos, em conjunto com o coordenador DEAD/UNEMAT;
- Acompanhar o registro acadêmico dos alunos matriculados no curso;
- Verificar "in loco" o andamento dos cursos.
- Acompanhar e supervisionar as atividades: dos tutores, dos professores, do coordenador de tutoria e dos coordenadores de polo;
- Informar o coordenador DEAD/UNEMAT a relação mensal de bolsistas aptos e inaptos para recebimento;
- Auxiliar o coordenador DEAD/UNEMAT na elaboração da planilha financeira do curso.

E um coordenador de Tutoria, preferencialmente com a mesma formação, ao qual compete:

- Participar das atividades de capacitação e atualização;
- Acompanhar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos de tutores, em conjunto com o coordenador de curso;
- Acompanhar as atividades acadêmicas do curso;
- Verificar "in loco" o andamento dos cursos;



- Informar o coordenador do curso a relação mensal de tutores aptos e inaptos para recebimento da bolsa;
- Acompanhar o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos tutores envolvidos no programa;
- Acompanhar e supervisionar as atividades dos tutores;
- Encaminhar à coordenação do curso relatório semestral de desempenho da tutoria.

## SISTEMA DE TUTORIA

O Sistema de Tutoria recebe atenção especial nas atividades da DEAD/UNEMAT, pois o papel desempenhado pelo tutor no processo de ensino–aprendizagem da educação a distância está no centro dos indicadores de qualidade do curso. A DEAD/UNEMAT, em parceria com a UAB, terá dois grupos de tutores: tutoria a distância e tutoria presencial.

## TUTOR A DISTÂNCIA

A relação entre o grupo de tutores a distância e os alunos será mediada por tecnologias de informação e comunicação, especialmente pelas ferramentas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Esses tutores trabalharão em consonância com os professores da disciplina e com os tutores presenciais e serão orientados pelas coordenações de Tutoria e de Curso. O processo de acompanhamento da realização das atividades se dará de forma intensiva e isso requererá do tutor virtual as seguintes atribuições:

- Auxiliar na realização das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem;
- Interagir com os alunos sob sua supervisão;
- Consultar o professor coordenador da disciplina sobre questões referentes ao conteúdo;
- Orientar o aluno sobre com quem falar para solucionar alguma outra dificuldade que não seja de sua competência;
- Consultar a coordenação de tutoria e professor da disciplina sobre dificuldades referentes à interação com os alunos.

O sistema de tutoria virtual receberá atenção especial da Equipe de EaD da DEAD/UNEMAT, pois considera–se que o processo de interação/interatividade constitui ponto central na proposta metodológica dos cursos de EaD da UNEMAT.

## TUTOR PRESENCIAL

Os tutores presenciais serão professores selecionados pela instituição de ensino, lotados nas diversas regiões e envolvidos no projeto. Serão escolhidos por meio de um processo de seleção que levará em conta alguns critérios:

- a) Residir preferencialmente na região onde se desenvolve o curso;
- b) Possuir, preferencialmente, formação de graduação e/ou pós–graduação da área de computação;
- c) Apresentar disponibilidade para se dedicar ao cumprimento das tarefas que compõem suas atividades;
- d) Demonstrar possuir os conhecimentos necessários às funções que desempenhará enquanto orientador acadêmico;
- e) Aceitar participar, como cursista, de uma capacitação em Educação Aberta e a distância – Orientação Acadêmica.

Dentre as atribuições do tutor presencial, podemos destacar:

- Dar instruções básicas de informática;
- Orientar o aluno na navegação no ambiente virtual de aprendizagem;



- Auxiliar o aluno a gravar, copiar, enviar atividades e trabalhos via internet ou correspondência para os professores;
- Auxiliar o aluno na organização da sua agenda (plano de estudos);
- Mediar ou auxiliar, sempre que necessário, a comunicação entre alunos e tutores a distância responsáveis pelas disciplinas.

A tutoria no Curso de Licenciatura em História é um componente fundamental do sistema e tem a função de realizar a mediação entre o estudante e os recursos didáticos de curso. Trata-se de um dos elementos do processo educativo que possibilita a (re)significação da educação a distância, por possibilitar o rompimento da noção de tempo/espço da escola tradicional.

O processo dialógico que se estabelece entre estudante e tutor deve ser único. O tutor, paradoxalmente ao sentido atribuído ao termo “distância”, deve estar permanentemente em contato com o estudante, mediante a manutenção do processo dialógico, em que o entorno, o percurso, as expectativas, as realizações, as dúvidas, as dificuldades sejam elementos dinamizadores desse processo.

Na fase de planejamento, o tutor deve participar da discussão, com os professores formadores, a respeito dos conteúdos a serem trabalhados, do material didático a ser utilizado, da proposta metodológica, do processo de acompanhamento e avaliação de aprendizagem no Trabalho de Conclusão de Curso.

No desenvolvimento do curso, o tutor é responsável pelo acompanhamento e avaliação do percurso de cada estudante sob sua orientação: em que nível cognitivo se encontra, que dificuldades apresenta, como se coloca em atitude de questionamento re-constutivo, se reproduz o conhecimento socialmente produzido, necessário para compreensão da realidade, se reconstrói conhecimentos, se é capaz de relacionar teoria e prática, se consulta bibliografia de apoio, se realiza as tarefas e exercícios propostos, como estuda, quando busca orientação, se relaciona se com outros estudantes para estudar, se participa de organizações ligadas à sua formação.

Além disso, o tutor deve, neste processo de acompanhamento, estimular, motivar e, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de aprendizagem.

Por todas essas responsabilidades, torna-se imprescindível que o tutor tenha formação específica, em termos dos aspectos político-pedagógicos da educação a distância e da proposta teórico metodológica do curso. Essa formação deve ser oportunizada pela UNEMAT antes do início do curso e ao longo do curso.

Como recursos para interlocução tutor-aluno poderão ser utilizados:

- Ambiente Virtual, com recursos de fórum, *chat*, biblioteca virtual, agenda, repositório de tarefas, questionários, recursos de acompanhamento e controle de cada estudante, entre outros;
- Videoconferência;
- Vídeoaula;
- Telefone;
- *E-mail*.

Os encontros presenciais serão eventos que envolverão os atores pedagógicos e administrativos dos subsistemas do Curso. As atividades a serem contempladas podem incluir: avaliação do desempenho discente, apresentação de palestras, aulas, pesquisas desenvolvidas, defesa de TCC, estágio, visitas técnicas e integração social da comunidade acadêmica.

Serão realizados encontros presenciais por módulo, nos finais de semana. Além disso, em disciplinas específicas serão realizadas em aulas presenciais nos polos, sempre aos sábados e domingos. As aulas serão ministradas por professores formadores, e eventualmente, por tutores.

## PROFESSOR DA DISCIPLINA

Constituem atribuições do professor:



- Participar do curso de formação de professores em EaD;
- Elaborar o plano de ensino nos moldes apresentados pela coordenação da DEAD/UNEMAT;
- Adequar o plano de ensino conforme as sugestões do Coordenador de Curso
- Elaborar, organizar e selecionar o conteúdo a ser disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem (materiais virtuais) vídeo–aulas (materiais audiovisuais) para os alunos;
- Responder às necessidades da coordenação de Curso para o desenvolvimento de sua disciplina;
- Fazer reuniões (presenciais e a distância) com os tutores a distância;
- Coordenar às atividades dos tutores a distância;
- Auxiliar a coordenação na orientação e treinamento dos tutores presenciais, principalmente se sua disciplina exigir trabalhos em laboratórios ou atividades práticas específicas;
- Apoiar a aprendizagem dos alunos, viabilizando materiais para aprofundamento ou recuperação sempre que necessário;
- Utilizar o relatório dos tutores para fechamento da unidade anterior, relacionando–a com àquela que se iniciará;
- Participar das reuniões da equipe pedagógica promovidas pela coordenação de curso ou pela coordenação da DEAD/UNEMAT;
- Cumprir com os prazos estabelecidos pela coordenação da DEAD/UNEMAT e da sua coordenação de curso.

## PROFESSOR CONTEUDISTA

O Curso poderá contar com o professor ou pesquisador designado ou indicado pelas IES vinculadas ao Sistema UAB, que atuará nas atividades de elaboração de material didático, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos e programas implantados no âmbito do Sistema tem por atribuições:

- Elaborar e entregar os conteúdos dos módulos desenvolvidos ao longo do curso no prazo determinado;
- Adequar conteúdos, materiais didáticos, mídias e bibliografia utilizadas para o desenvolvimento do curso à linguagem da modalidade a distância
- Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância;
- Adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, o material didático nas diversas mídias;
- Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na Instituição de Ensino;
- Participar de grupo de trabalho para focar na produção de materiais didáticos para a modalidade a distância.
- Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância;
- Elaborar relatórios semestrais no âmbito de suas atribuições, quando solicitado.

## CAPÍTULO VI POLÍTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Supervisionado é estritamente prático, no curso de Licenciatura em História é componente obrigatório para conclusão da vida acadêmica. As normas sobre o Estágio Curricular Supervisionado para os cursos de licenciatura na UNEMAT estão Regulamentadas pela RESOLUÇÃO Nº 028/2012 – CONEPE de 03 de junho de 2012.



Para efeito de realização do Estágio Curricular Supervisionado estritamente prático, o acadêmico só poderá iniciar suas atividades caso tenha concluído 55% de créditos no curso, assim estando apto em matricular-se na disciplina de estágio supervisionado.

## **CAPÍTULO VII POLÍTICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC no Curso de Licenciatura em História está regulamentado pela RESOLUÇÃO Nº 030/2012 – CONEPE de 03 de junho de 2012.

Poderão se matricular alunos do curso de Licenciatura em História na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I todos aqueles que integralizarem no mínimo 50% (cinquenta por cento) dos créditos previstos no curso.

Os critérios para se ministrar as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, bem como a vinculação dos TCCs às linhas de pesquisa do curso de História, e demais questões inerentes ao processo de orientação e desenvolvimento do TCC, serão normatizadas por meio de resolução específica a ser proposta pelo corpo docente e aprovadas pelo colegiado de curso e demais instâncias competentes.

O acadêmico será preparado para o TCC pelas disciplinas do eixo Teórico–Metodológico do Curso.

## **CAPÍTULO VIII ATIVIDADES COMPLEMENTARES OU ACADÊMICO CIENTÍFICO–CULTURAIS**

Ao longo do curso os acadêmicos terão que cumprir 200 horas de atividades complementares de natureza acadêmica, científica e/ou culturais ligadas ao seu campo de formação. Estas atividades deverão ser desenvolvidas nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, quer em seu aspecto de participação em eventos, quer em sua atuação em projetos e programas.

O aluno deverá, assim, participar de Eventos (Congressos, Semanas, Simpósios e afins) ligados à sua área de formação e áreas conexas. Deverá, também, integrar-se a trabalhos não eventuais (Linhas de Pesquisa, Estágios, Voluntariado Social e afins), e frequentar cursos e/ou palestras sobre aspectos éticos, políticos e educativos sobre a inclusão, como forma de apreender o seu campo de atuação através da ação extra–curricular prática.

Serão exigidas amplitude e diversificação de atividades no cumprimento da carga horária, evitando-se, assim, que a concentração excessiva de horas em uma mesma atividade prejudique a formação do acadêmico.

O acadêmico poderá optar por cursar disciplinas, ofertadas por outros departamentos, que contribuam para sua formação profissional. Todas as atividades devem ser validadas pela coordenação do curso, conforme orienta a normatização acadêmica.

## **CAPÍTULO IX COMPONENTES CURRICULARES**

### **9.1. DISCIPLINAS INTEGRANTES DO CURRÍCULO PLENO**

O acadêmico para completar o currículo pleno do curso superior de graduação a distância de Licenciatura em História, deverá perfazer um total mínimo de 2.960 (duas mil e novecentos e



sessenta) horas, sendo horas 360 (trezentas e sessenta) em disciplinas de Formação Geral Humanística, 1.920 (mil, novecentos e vinte) horas em disciplinas de Formação Específica Profissional, 480 (quatrocentos e oitenta) horas em disciplinas de Formação Complementar e 200 (duzentas) horas de Atividades Complementares, distribuídas em, no mínimo, 08 (oito) semestres e, no máximo, 12 (doze) semestres letivos.

A carga horária de uma disciplina corresponde ao número de horas obtidas, multiplicando-se o número de créditos da disciplina por 15 (quinze) horas.

A Normatização Acadêmica da Unemat, conforme resolução n. 054/2011, organiza as disciplinas em 5 diferentes créditos: aula teórica (T), aula prática (P), aula prática de laboratório (L) e atividades e/ou pesquisa de campo (C).

Como este curso é ofertado integralmente na modalidade a distância. O crédito a distância perpassará praticamente todo o curso e os créditos das disciplinas serão distribuídos em quatro créditos: aula teórica, aula prática, aula de laboratório e aula de campo. Entende-se com isso que o curso na modalidade a distância também abrange aulas teóricas, de laboratório, de campo e aulas práticas.

#### UNIDADE CURRICULAR I – FORMAÇÃO GERAL HUMANÍSTICA

Nº ORD.	NOME DA DISCIPLINA	C.H.
1	Psicologia da Educação	60
2	Introdução a Filosofia	60
3	Introdução à Sociologia	60
4	Introdução à Educação a Distância	60
5	Antropologia Cultural	60
6	Produção de Texto e Leitura	60
	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>360</b>

#### UNIDADE CURRICULAR II– FORMAÇÃO ESPECÍFICA PROFISSIONAL

ORD.	SUB TOTAL	C.H.
1	História Antiga	60
2	História Medieval	60
3	História Moderna I	60
4	História Moderna II	60
5	História Contemporânea I	60
6	História Contemporânea II	60
7	História do Brasil I	60
8	História do Brasil II	60
9	História do Brasil III	60
10	História do Brasil IV	60
11	História de Mato Grosso I	60
12	História de Mato Grosso II	60
13	História da América I	60
14	História da América II	60
15	História da América III	60
16	História e Cultura africana	60
17	História e Assuntos Indígenas	60
18	Oficina de História I	30
19	Oficina de História II	30
20	Oficina de História III	30
21	Oficina de História IV	30



22	Metodologia de pesquisa em História I	60
23	Metodologia de pesquisa em História II	60
24	Trabalho de Conclusão do Curso I	30
25	Trabalho de Conclusão do Curso II	30
26	Teoria da História I	60
27	Teoria da História II	60
28	Teoria da História III	60
29	Introdução ao Estágio	90
30	Estágio Curricular II	90
31	Estágio Curricular III	120
32	Estágio Curricular IV	120
<b>CARGA HORÁRIA</b>		<b>1920</b>

**UNIDADE CURRICULAR III – FORMAÇÃO COMPLEMENTAR – ELETIVAS OBRIGATÓRIAS**

ORD.	NOME DA DISCIPLINA	H/A
1	Didática do Ensino de História	60
2	Língua Brasileira de Sinais – Libras	60
3	Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	60
4	Optativa I	60
5	Optativa II	60
6	Optativa III	60
7	Optativa IV	60
8	Tópicos Especiais I*	60
<b>CARGA HORÁRIA</b>		<b>480</b>

**SÍNTESE DA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ORD.	COMPONENTES DA MATRIZ CURRICULAR	C.H.
1	UNIDADE CURRICULAR I – Formação geral/humanística	360
2	UNIDADE CURRICULAR II – Formação específica	1920
3	UNIDADE CURRICULAR III – Formação docente /enriquecimento	480
<b>SUBTOTAL</b>		<b>2.760</b>
4	Atividades Complementares	200
<b>TOTAL DA CARGA HORÁRIA DO CURSO</b>		<b>2.960</b>

**9.2. DISCIPLINAS ELETIVAS OBRIGATÓRIAS**

ORD.	DISCIPLINA	CH	CRÉD.				PRÉ-REQUISITOS
1	História e Cartografia	60	4	0	0	0	
2	História e Literatura	60	4	0	0	0	
3	História e Etnia	60	4	0	0	0	
4	História, Cultura e Cidade	60	4	0	0	0	
5	História de Textos Didáticos de História	60	4	0	0	0	
6	História e Imagem	60	4	0	0	0	
7	História Oral	60	4	0	0	0	
8	História Política e do Tempo Presente	60	4	0	0	0	
9	História e Gênero	60	4	0	0	0	

**9.3. DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR PERÍODO/FASE/SEMESTRAL**



DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1 – HISTÓRIA ANTIGA	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2 – INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	60	1	3	0	0	Obrigatória	
3 – TEORIA DA HISTÓRIA I	60	4	0	0	0	Obrigatória	
4 – HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA	60	1	1	1	1	Obrigatória	
5 – PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	60	3	1	0	0	Obrigatória	
6 – INTRODUÇÃO À FILOSOFIA	60	4	0	0	0	Obrigatória	
<b>TOTAL</b>	<b>360</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1 – HISTÓRIA DA AMÉRICA I	60	2	1	0	1	Obrigatória	
2 – HISTÓRIA MEDIEVAL	60	3	1	0	0	Obrigatória	
3 – HISTÓRIA E ASSUNTOS INDÍGENAS	60	1	2	0	1	Obrigatória	
4 – TEORIA DA HISTÓRIA II	60	3	1	0	0	Obrigatória	Teoria da História I
5 – INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA	60	3	0	0	1	Obrigatória	
6 – PRODUÇÃO DE TEXTO E LEITURA	60	3	1	0	0	Obrigatória	
<b>TOTAL</b>	<b>360</b>	<b>15</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>3</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1 – HISTÓRIA MODERNA I	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2 – HISTÓRIA DA AMÉRICA II	60	2	1	1	0	Obrigatória	
3 – TEORIA DA HISTÓRIA III	60	3	1	0	0	Obrigatória	Teoria da História II
4 – OFICINA DE HISTÓRIA I	30	1	0	1	0	Obrigatória	
5 – ESTRUTURA E FUNC. DA ED. BÁSICA	60	3	1	0	0	Obrigatória	
6 – ANTROPOLOGIA CULTURAL	60	2	1	0	1	Obrigatória	
7 – OPTATIVA I	60	4	0	0	0	Optativa	
<b>TOTAL</b>	<b>390</b>	<b>18</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>1</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1 – HISTÓRIA MODERNA II	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2 – HISTÓRIA DA AMÉRICA III	60	2	1	0	1	Obrigatória	



3–DIDÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA	60	3	1	0	0	Obrigatória	
4–HISTÓRIA DO BRASIL I	60	3	1	0	0	Obrigatória	
5–OPTATIVA II	60	4	0	0	0	Optativa	
6–OFICINA DE HISTÓRIA II	30	1	1	0	0	Obrigatória	
7–LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	60	2	2	0	0	Obrigatória	
<b>TOTAL</b>	<b>390</b>	<b>18</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>1</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1–HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2–HISTÓRIA DO BRASIL II	60	3	1	0	0	Obrigatória	
3– INTRODUÇÃO AO ESTÁGIO	90	2	4	0	0	Obrigatória	
4–OFICINA DE HISTÓRIA III	30	1	1	0	0	Obrigatória	
5–METODOLOGIA DA PESQUISA EM HISTÓRIA I	60	2	2	0	0	Obrigatória	
6–OPTATIVA III	60	4	0	0	0	Optativa	
<b>TOTAL</b>	<b>360</b>	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1–HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA II	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2–HISTÓRIA DO BRASIL III	60	3	1	0	0	Obrigatória	
3–ESTÁGIO CURRICULAR II	90	3	3	0	0	Obrigatória	Estágio Curricular I
4–METODOLOGIA DA PESQUISA EM HISTÓRIA II	60	2	2	0	0	Obrigatória	Metodologia da Pesquisa I
5– OPTATIVA IV	60	4	0	0	0	Optativa	
6–OFICINA DE HISTÓRIA IV	30	1	1	0	0	Obrigatória	
<b>TOTAL</b>	<b>360</b>	<b>16</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>0</b>		

DISCIPLINAS	C.H.	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
1–HISTÓRIA DO BRASIL IV	60	3	1	0	0	Obrigatória	
2–ESTÁGIO CURRICULAR III	120	4	4	0	0	Obrigatória	Estágio Curricular II (estritamente prático)
3–TÓPICOS ESPECIAIS I	60	3	1	0	0	Obrigatória	
3–TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	30	1	1	0	0	Obrigatória	



4–HISTÓRIA DE MATO GROSSO I	60	3	1	0	0	Obrigatória	
<b>TOTAL</b>	<b>330</b>	<b>14</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>0</b>		

DISCIPLINAS	C/H	CATEGORIA				PRÉ-REQUISITO	
		T	P	L	C		
2–HISTÓRIA DE MATO GROSSO II	60	3	1	0	0	Obrigatória	
3–ESTÁGIO CURRICULAR IV	120	4	4	0	0	Obrigatória	Estágio Curricular III (estritamente prático)
4–TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	30	1	1	0	0	Obrigatória	Trabalho de Conclusão de Curso I
<b>TOTAL</b>	<b>210</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>0</b>		

**CAPÍTULO X**  
**EMENTÁRIO: EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

**INTRODUÇÃO À EAD: LINGUAGEM E TECNOLOGIA**

Semestre 1º Carga Horária: 60 horas

Créditos: 4 (1.3.0.0.0)

**EMENTA**

Histórico e objetivos do EAD. Perspectivas teórico–metodológicas da aprendizagem a distância. Dimensão prática: Iniciação ao uso das ferramentas de apoio ao ensino/aprendizagem. Uso da plataforma MOODLE. Discussões das implicações didático–pedagógicas da modalidade e tutoria em EAD.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

LITWIN, E.(org.). Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed. 2001. 110p.

MARTINS, Ronei Ximenes; CELSO VALLIN, Fernanda Barbosa Ferrari. Introdução à educação a distância: guia de estudos. Lavras : UFLA, 2011. (disponível no SISUAB).

PALLOFF, R. M. e PRATT, K. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on–line. Tradução: Vinicius Figueira, Porto Alegre: Artmed, 2004. 216p.

PALLOFF, R. M. e PRATT, K. Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on–line. Tradução: Vinicius Figueira, Porto Alegre: Artmed, 2002. 247p.

**TEORIA DA HISTÓRIA I**

Semestre: 1º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 4.0.0.0

**EMENTA**

Evolução conceitual da Ciência Histórica. Objetividade e Subjetividade do conhecimento. Delimitação do objeto e formas de produção do conhecimento histórico.

**CONTEUDO PROGRAMÁTICO**

Concepção e conceituação de História: Do mito à ciência histórica; Desenvolvimento da erudição e da crítica histórica; O conhecimento Histórico: O método Científico Histórico; As ciências auxiliares e complementares; A objetividade do conhecimento histórico: Os fatos históricos e as fontes documentais; O tempo histórico e a questão da periodização; As correntes teóricas do



Positivismo, Marxismo, Análises e outras: Procedimentos teóricos–metodológicos; Tendências atuais: avanços e limitações; Influências na historiografia brasileira e academias.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ARIES, Philippe. A História das Mentalidades. IN: J. Le, Goff (org). A História Nova. SP, Martins Fontes, 1990.
- BARBOSA, Leila M. A. & Mangabeira. Wilma C. A Incrível História dos Homens e Suas Relações Sociais. 6ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- BESSELER, José Van Den. Introdução aos Estudos Históricos. 5ª ed. SP, EPU, 1979.
- BORGES, Vary Pacheco. O Que é História. 2ª ed. SP. Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. (Org). O Ensino da História. (Revista Urgente) 3ª ed. SP, Brasiliense, 1987.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales. SP, Ed. Unesp, 1991.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma Introdução à História. SP, Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Heitor Perez. Os Métodos da História. RJ, Ed. Graal, 1979.
- CHILDE, Gordon. O que aconteceu na História. 4ª ed. Zahar, RJ, 1977.
- GLENISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. 4ª ed. SP, Difel, 1983.
- GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética da História. 4ª ed. Civilização Brasileira, RJ, 1981.
- LAPA, José Roberto do Amaral. A História em Questão: A Historiografia Brasileira Contemporânea. Petrópolis, Vozes, 1976.
- Le GOFF, Jacques. (Org.) História: Novos Problemas. 2ª ed. Francisco Alves, RJ, 1979.
- MARROU, H. I. Do Conhecimento Histórico. SP. EPU.
- PLEKNOV. Reflexão Sobre A História. Ed. Presença, Lisboa, 1970.
- RIBEIRO, João. O Que é Positivismo. SP, Brasiliense, 1994.
- ROCHA, Everaldo. O Que é Mito. SP, Brasiliense, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. SP, Atual, Câmpusnas, Ed. UNICAMP, 1988.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. Martins Fontes, SP. 1978.

#### **METODOLOGIA DE PESQUISA EM HISTÓRIA I**

**Semestre: 5º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 2.2.0.0**

#### **EMENTA**

A ciência histórica e sua função social: pesquisa, tecnologia e ensino. Pesquisa bibliográfica em História; Execução da pesquisa em história: procedimentos técnicos básicos na elaboração de fichamentos, resenhas, artigos e trabalhos científicos.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Elementos Básicos: Métodos e Técnicas da História; Valor do Conhecimento histórico; Desenvolvimento do conhecimento histórico; a historiografia; As Características dos discursos históricos: Racionalidade, Veracidade e Objetividade; métodos da pesquisa histórica; Estrutura do texto historiográfico; Documentação; Técnica de Redação; A Pesquisa Bibliográfica em História.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ALVES, Rubens. Filosofia da Ciência. 17ª ed. SP: Brasiliense.
- ASTI, Vera A. Metodologia da Pesquisa Científica. Porto Alegre: Globo, 1974.
- BASTOS, Lilia Rocha et alii. Para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses e Dissertações. 3ª ed. RJ: Zahar. 1982.
- BARRAS, Robert. Os Cientistas Precisam Escrever. 3ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 2ªed. SP: Atlas, 1989.
- ECO, Humberto. Como Se Faz Uma Tese. SP: Perspectiva, 1989.
- GALLIANO, A. Guilherme. O Método Científico. 2ª ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 3ª ed. SP: Atlas, 1993.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Científica. RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.



RUIZ, João Álvaro. Metodologia do Trabalho Científico: Guia Para a Eficiência nos Estudos 8ª ed. SP: Atlas, 1989.

\_\_\_\_\_. Metodologia do Trabalho Científico. 3ª ed. SP: Atlas, 1990.

. 2ª ed. SP: Atlas, 1992.

SÁ, Elisabeth Schneider de. Manual de Normalização de Trabalhos Técnicos, Científicos e Culturais. Petrópolis: Vozes, 1994.

## HISTÓRIA ANTIGA

**Semestre: 1º**

**Carga horária: 60 h/a**

**Créditos : 3.1.0.0**

### EMENTA

A antiguidade Clássica; As Civilizações Minóica (Cretenses); Micênicos; Grécia Clássica; Roma Clássica; o Cristianismo e as invasões Bárbaras; prática de ensino da História Antiga nas escolas de primeiro e segundo graus.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O Curso de História Antiga está dividido em quatro unidades: a) Civilização Helênica (Micenas, Tempos Homéricos, Período Arcaico, Período Clássico e Helenístico); b) Civilização Romana (Monarquia, República e Império); c) O Cristianismo e o Fim do Império Romano (Crise do Escravismo Antigo e as Invasões Bárbaras); d) Observação em sala de aula e análise de livros didáticos de ensino da História Antiga.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Pierre. Passagens da Antigüidade ao Feudalismo. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINSKY, Jaime. As primeiras Civilizações. São Paulo: Atual, 1994.

\_\_\_\_\_. 100 Textos de História Antiga. SP: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. et al. O ensino da História e a criação do Fato. São Paulo: Contexto, 1997.

ARIÉS, Phelippe. e DUBY, Georges (org.). História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil. Vol. I de IV. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

AUSTIN, Michewl e VIDAL-NAQUET, Pierre. Economia e Sociedade na Grécia Antiga. Lisboa: Edições 70, 1972.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. Florenzano. O Mundo Antigo: economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1982.

VERNAN, Pierre. Origens do Pensamento Grego. Difel, São Paulo, 1982.

MCEVEDY, Colin. Atlas de História Antiga. Verbo Edusp, São Paulo 1984.

FINLEY, M. I. . História Antiga: Testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Os limites da helenização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FUNARI, Pedro Paulo A. Antigüidade Clássica: História e a cultura a partir dos documentos. Câmpusnas – SP: Ed. Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. A Renovação do Ensino da História Antiga, p. 95–107. In KARNAL, Leandro (ORG). História em Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

GIORDANI, Mário Curtis. Grécia. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Roma. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

BRAUDEL, F. Gramática das Civilizações. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRANDÃO, Juanito de Souza. Mitologia Grega. Vol I, II, III. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERRO, Marc. Como se cuenta la historia a los niños en el mundo entero. México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

## INTRODUÇÃO A FILOSOFIA

**Semestre: 1º**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

### EMENTA

Teoria Geral do Conhecimento.



Os sistemas filosóficos.  
As correntes filosóficas modernas e contemporâneas.  
Conceito de verdade.  
Critério de verdade.  
Divisão de verdade.  
Noções de metodologia e epistemologias

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.  
ARANHA, Maria Lúcia. Filosofia da Educação. 1. ed. São Paulo: Moderna.  
DEMO, Pedro. Pesquisa: Princípio Educativo e Científico. São Paulo: Cortez, 1990.  
HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. 4. ed. Coimbra, 1968.  
JOLIVET, Regis. Curso de filosofia. 16. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.  
ORWELL, George. A revolução dos bichos. Porto Alegre: Globo, 1964.  
PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1989.  
RUBENS, Edward Manall. História da Civilização Ocidental. 2. ed. Rio de Janeiro. Globo, 1966. Vol. I e II.  
SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1978.  
TELES, Antonio Xavier. Introdução aos estudos da filosofia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1983.

#### **INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA**

**Semestre: 2º**

**Carga horária: 60 h/a**

**Créditos: 3.1.0.0**

#### **EMENTA**

Introduzir o estudo das duas principais vertentes sociológicas Positivismo e Materialismo Histórico dialético com perspectiva de visualização por parte do aluno do projeto da sociedade (e conseqüentemente da educação) nestas concepções, partindo para o conhecimento na sociologia da Educação uma ótica da práxis social.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

Processo da Vida Humana;  
Histórico da Sociologia, surgimento, principais correntes e métodos sociológicos;  
Forma de interpretação do social em : Durkheim, Marx e Weber;  
Regras relativas entre o normal e o patológico da sociedade Durkheim;  
Divisão social do trabalho (Durkheim);  
Positivismo/Doutrina/Método;  
As bases materiais da sociedade;  
O materialismo histórico e o Determinismo Econômico;  
A infra-estrutura e a supra-estrutura social;  
Marx e a Cultura, Ideologia/Alienação;  
Processos sociais;  
Status e papel social: conceitos e características;  
Grupos Sociais: categorias, agregados, classificação;  
Estratificação Social: conceitos e tipos;  
Mudança Social;  
Movimentos Sociais;  
Mobilidade Social.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BAZARIAN, Jacob. Introdução à sociologia. São Paulo: Alfa Ômega, 1986.  
BOTTOMORE, T. B. Introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.  
CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos.  
DELLA, Torres M. B. Lima. O homem e a sociedade; uma introdução à sociologia. São Paulo: Nacional, 1984.



- DEMO, Pedro. Sociologia; uma introdução crítica. São Paulo: Atlas, 1986.  
DURKHEIM, E. As regras do método sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990.  
\_\_\_\_\_. O suicídio. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.  
GUARESCHI, Pedrinho Alcides. Sociologia Crítica; alternativas de mudança. 36 ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1995.  
IANNI, Octavio. (org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1986 (Grandes Cientistas Sociais).  
LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.  
MELLO, G. N. Cidadania e Competitividade; desafios educacionais do terceiro milênio. 4. ed. Cortez, 1995.  
RIBEIRO, J. O. O que é Positivismo. Brasiliense S/A., 1992 (Coleção Primeiros Passos).

## **ANTROPOLOGIA CULTURAL**

**Semestre: 3º**

**Carga horária: 60 h/ a**

**Créditos: 2.1.0.1.0**

### **EMENTA**

A disciplina apresenta as principais questões abordadas pela Antropologia no que se refere às práticas sócio-culturais dos povos, num esforço de compreender e elaborar reflexões com base na etnologia sobre a realidade das diferentes sociedades e suas culturas, em particular as existentes no espaço brasileiro. Partindo da problematização do conceito antropológico de cultura, será feita uma revisão na bibliografia existente sobre cultura procurando definir as categorias e as implicações teóricas de cada uma no que se refere ao etnocentrismo, relativismo cultural, dinâmica cultural, etnocídio, genocídio, ressignificação cultural, identidade, senso comum e diversidade cultural. O passo seguinte será a o aprofundamento na pesquisa etnográfica, priorizando a observação participante e a pesquisa de campo com o propósito de conduzir o graduando a compreender os métodos e as técnicas de pesquisa da Antropologia, com vistas para o entendimento das possibilidades de produção do conhecimento através da pesquisa etnográfica. O curso será ministrado na forma de aulas expositivas, discussões de textos, seminários, pesquisa de campo e produção de artigos. Entre os conteúdos destacam-se a pesquisa participante, descrição densa, o trabalho de campo, objetividade e subjetividade, técnicas de pesquisa (observação, entrevista, diário de campo) e o controle das impressões.

### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Discussão do conceito de Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural, com vistas para a dimensão cultural do nosso país; Análise dos métodos e técnicas em Antropologia, priorizando a etnografia e a observação participante; Serão abordados temas referentes à questão indígena, enfatizando a origem, identidade étnica, organização social e cosmologia dos grupos indígenas do Brasil.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- CUCHE, Denys. Etnocentrismo, In: A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru, EDUSC, 1999.  
DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1997.  
GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.  
LARAIA, Roque. A Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.  
MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas. Petrópolis: Vozes, 1986.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da Prática Escolar. São Paulo: Papirus, 1999.  
BANDEIRA, Maria de Lourdes. Antropologia: cultura e sociedade no Brasil. Fascículo nº 03. Cuiabá: EdUFMT, 1995.  
BERREMAN, Gerald D. Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Somos as águas puras. São Paulo: Papirus, 1994.  
CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade. São Paulo:



Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOOTE-WHYTE, William. “Treinando a Observação Participante”. In GUIMARÃES, Alba Z. (Org.). : Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: As Bases Epistemológicas do Conhecimento Escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

GIROUX, Henry Armand. Escola crítica e política cultural. Trad. Dagmar M. L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1992

GUIMARÃES, Alba Z. (Org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Z. (Org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Trabalho do Antropólogo. São Paulo: UNESP/Paralelo, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidades Terminais. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Ed., 1976.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: Cultura e Diversidade. In: LOPES e GRUPIONI (Orgs.). A Temática Indígena na Escola. Brasília/São Paulo: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

## **PRODUÇÃO DE TEXTO E LEITURA**

**Semestre:** 2º      **Carga horária:** 60 h/ a      **Créditos:** 3.1.0.0.0

### **EMENTA**

Expressão oral e escrita. Redação técnica e criativa. Gramática aplicada.

### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

#### **EMENTA**

Leitura e produção de textos verbais, não-verbais e digitais, a partir das perspectivas sociointeracionista e discursiva da linguagem, contemplando análise textual, escrita e reescrita de diferentes gêneros textuais nas mais diversas esferas enunciativas e de variedades linguísticas. Diretrizes para leitura e produção de textos acadêmicos.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BOLOGNINI, C. Z. *Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola*. Câmpusnas, SP: Mercado de Letras, 2009.

KOCH, I.G.V.; TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

LUNA, Jairo Nogueira. *Leitura e produção de texto*. Recife: UPE/NEAD, 2009. (disponível no SISUAB).

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. SP: Parábola Editorial, 2005.

BARBOSA, Severino Antonio M. *Redação: escrever é desvendar o mundo*. 8. ed. Câmpusnas: Papyrus, 1992.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. SP: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Autores Associados. São Paulo: Cortez, 1986.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Câmpusnas: Pontes, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 19. ed. SP: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. SP: Cortez, 2006.

MACHADO, Ana Rachel. (Org.). *Resumo*. SP: Parábola Editorial, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual e análise de gêneros e compreensão*. SP: Parábola Editorial, 2008.



MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1994.  
NICOLA, José de. Língua, literatura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.

## TEORIA DA HISTÓRIA II

**Semestre: 2º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

### EMENTA

Antecedentes da Teoria da História. As Escolas Teóricas da História. O Historicismo. O Positivismo.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Empirismo: conceito

Do Positivismo ao Evolucionismo Social

O Positivismo no Brasil

A Filosofia Positiva e o Estudo da Sociedade

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARDOSO, Ciro Flamarion S. & BRIGNOLLI, Héctor Perez. Os Métodos da História. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

GLENISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. 4ª ed. SP, Difel, 1983.

Le GOFF, Jacques. História e Memória. Câmpusnas, Unicamp Ed.

LOWY, Michel. Ideologia e Ciências Sociais. Cortez ed. São Paulo.

SEIGNOBOS, Jean Langlois. Introdução à História. São Paulo, Difel.

VERNANT, Pierre. Origens do Pensamento Grego. Ática, São Paulo.

## HISTÓRIA MEDIEVAL

**Semestre: 2º**

**Carga horária: 60 h/a**

**CRÉDITOS: 3.1.0.0**

### EMENTA

Desestruturação do Império Romano do Ocidente.

O Feudalismo e as Características do Mundo Medieval.

O Islão, as Constituições do Mundo Árabe e sua Expansão.

Abordagem da prática de ensino da História Medieval no primeiro e Segundo grau nas escolas.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

#### UNIDADE I

Desestruturação do Mundo Antigo:

- A crise do Império Romano nos séculos II ao V.
- As invasões bárbaras.
- Do escravismo à servidão.

#### UNIDADE II

Origens da Idade Média:

- O pré-conceito de Idade Média.
- A Gênese do Feudalismo nos países da Europa.
- Estruturas econômicas, sociais e políticas do Feudalismo.
- Mentalidade Medieval.
- A Igreja na Idade Média.
- As Cruzadas.

#### UNIDADE III

O Mundo Muçulmano:

- A Arábia antes do Islã.
- A Civilização Muçulmana.
- Os Muçulmanos na Península Ibérica.

#### UNIDADE IV

Observação do Ensino da História Medieval nas Escolas



- Análise de livros didáticos
- Elaboração de textos críticos sobre o ensino

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ANDERSON, Perry. Passagens da Antigüidade ao Feudalismo. SP: Brasiliense, 1995.  
ANDRADE FILHO, Rui de Oliveira. Os Muçulmanos na Península Ibérica. SP: Contexto, 1989.  
DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. 7ª ed. RJ: Editora Guanabara, 1987.  
FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média – Nascimento do Ocidente. SP: Brasiliense, 1995.  
\_\_\_\_\_. O Feudalismo. SP: Brasiliense, 1994.  
\_\_\_\_\_. & ANDRADE FILHO, Rui de Oliveira. O Império Bizantino. SP: Brasiliense, 1989.  
GUERRAS, Maria Sonsoles. Os Povos Bárbaros. SP: Ática, 1991.  
LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval. Vol. II, Lisboa: Portugal, Editora Estampa, 1984.  
BITTENCOURT (ORG). O Saber histórico na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 1997.  
MENDONÇA, Sônia Regina de. O Mundo Carolíngio. SP: Brasiliense, 1985.

#### **HISTÓRIA MODERNA I**

**Semestre: 3º Carga horária: 60 Horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

#### **EMENTA**

A transição do Feudalismo para o Capitalismo  
O surgimento da burguesia  
Formação dos Estados Nacionais.  
Questões do Ensino da História Moderna

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

- O declínio do Feudalismo e o crescimento das cidades;
- Os começos da burguesia;
- As principais características do absolutismo no Ocidente;
- O surgimento dos estados absolutistas na Espanha, França, Inglaterra, e Itália;
- O absolutismo no Leste europeu;
- O absolutismo no mundo islâmico;
- O processo inicial de acumulação capitalista na Inglaterra;
- O controle do tempo de trabalho nos primórdios da burguesia.
- Observação da prática do ensino da História Moderna em sala de aula e análise crítica de livros textos didáticos.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. 3a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.  
DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. Trad. Manuel R. Braga, São Paulo, Nova Cultural, 1986, (Coleção Os Economistas), p. 25–88.  
LE GOFF, Jacques. Para um novo conceito de Idade Média tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa, Estampa, 1980, p 43–73.  
MARX, Karl. O Capital. São Paulo, Nova Cultural, 1985, (Coleção Os Economistas), p. 261–294.  
NIKITIUK, Sônia L.(Org). Repensando o Ensino de História: Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1996.

#### **HISTÓRIA DO BRASIL I**

**Semestre: 4º Carga Horária: 60 h**

**Créditos: 3.1.0.0**

#### **EMENTA**

O processo de conquista e ocupação do Brasil. A conquista, a sociedade colonial e suas formas de ocupação. A utilização da mão-de-obra nativa, africana e livre. Questões da historiografia brasileira e das práticas do ensino da História do Brasil nas Escolas.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**



O conteúdo estará dividido em seis partes: 1– discussão sobre o Sentido da Colonização; 2– forma cronológica e evolução econômica da colônia; 3– a crise do "Sistema Colonial"; 4– a Independência do Brasil; 5– debate de questões historiográficas; e 6– observação e análise das práticas de ensino da História do Brasil nas escolas de primeiro e segundo graus.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ALEXANDRE, Valentim. Sentidos do Império. Ed. Afrontamento, Porto, 1993.  
FALCON, Francisco A. A Era Pombalina. Ed. Ática, SP., 1985.  
FRAGOSO, Luis. Homens de Grossa Ventura. Ed. Arquivo Nacional, RJ. 1995.  
GORENDER, Jacob. O Escravismo Colonial. Ed. Ática, SP. 1985.  
LEVI, Maria Bárbara. História Financeira do Brasil Colonial. Cia do Livro Nacional/ MEC, RJ, 1985.  
MAXWEL, Kenneth. A Devassa da Devassa. Editora Paz e Terra, RJ, 1988.  
MAXWEL, Kenneth. O Paradoxo do Iluminismo. Cia das Letras, SP. 1997  
MOTA, Carlos Guilherme. 1822: Dimensões. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1986.  
NOVAES, Fernando A. Brasil Nos Quadros do Antigo Sistema Colonial. Ed. Hucitec, São Paulo, 1995.  
NOVAES, Fernando A. (org) A Vida Privada no Brasil. Cia das Letras, SP, 1998.  
PRADO Jr, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. Brasiliense, São Paulo, 1988.  
PRADO Jr. Caio. História Econômica do Brasil. Brasiliense, São Paulo, 1988.  
RODRIGUES, José Honório. Independência: Revolução e Contra-Revolução. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro. 1975.  
SOUZA, Laura de Mello. Desclassificados do Ouro. Brasiliense, SP. 1988.  
JOANILHO, André Luiz. História e prática: Pesquisa em Sala de Aula. Câmpusnas – SP: Mercado das Letras, 1996.

#### **HISTÓRIA DA AMÉRICA I**

**Semestre: 2º**

**Carga horária: 60 h**

**Créditos: 2.1.0.1**

#### **EMENTA**

Estudo das Sociedades Ameríndias.

O processo de conquista e ocupação das terras americanas.

A constituição das sociedades coloniais e suas formas de expansão.

A utilização da mão de obra nativa, africana e livre.

Historiografia e prática de ensino da História da América na escola fundamental e média.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

I– América pré-colombiana.

- As sociedades indígenas.
- As sociedades agrárias.

II– As sociedades coloniais.

- A conquista e a colonização espanhola na América.
- A colonização Inglesa na América do Norte.

III– A utilização da mão-de-obra nativa, africana e livre.

IV– Questões da Historiografia e do ensino da História da América nas Escolas

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. 3a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.  
CAMPOS, Raymundo. História da América. São Paulo: Atual ed.  
CARDOSO, Ciro Flamarion S. América pré-colombiana. SP: Brasiliense, 1981.  
\_\_\_\_\_. A Afro-América: A Escravidão do Novo Mundo. SP: Brasiliense.  
\_\_\_\_\_. O Trabalho na América Latina Colonial. São Paulo: ed. Ática, 1985.  
FERREIRA, Jorge Luiz. Conquista e Colonização da América Espanhola. São Paulo: ed. Ática.  
FURTADO, Celso. Formação Econômica da América Latina. RJ: Lia Editor.  
IANNI, Octávio. O Labirinto Latino Americano. Petrópolis: Vozes, 1993.



KARNAL, Leandro. Estados Unidos: Da Colônia à Independência. São Paulo: Contexto, 1992.  
MAHAN–LOT, Marianne. A Conquista da América Espanhola. São Paulo: Papirus, 1990.  
PEREGALLI, Enrique. A América que os Europeus Encontraram. São Paulo: Atual, 1994.  
PINSKY, Jaime et al. (org). O ensino de História e a Criação do Fato. São Paulo: Contexto, 1997.

### TEORIA DA HISTÓRIA III

Semestre: 3º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 3.1.0.0

#### EMENTA

O materialismo Histórico. A nova História (Escola dos Annales). As tendências contemporâneas.

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

O Materialismo Histórico e o confronto entre os paradigmas;

O Positivismo e a História Nova

O Antigo Regime Historiográfico – História Serial longa duração –estrutura/conjuntura seus críticos e as tendências contemporâneas.

O nascimento e o desenvolvimento da História das mentalidades e a memória Histórica. A Escola dos Annales numa perspectiva global.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORGES, Vavy Pacheco. O Que é História. SP: Ed. Brasiliense, 1991.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales, 1929–1989. SP: Ed. UNESP, 1992.

BASSELAR, José Van Dem. Introdução ao Estudos Históricos. EDUSP, 1979.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOTI, Héctor. Os Métodos da História. 5ª ed. Graal. RJ: 1990.

DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa. SP: Graal, 1986.

DOSSE, Françoise. A História em Migalhas: Dos "Annales" à Nova História. SP: ED. UNICAMP, 1992.

FERNANDES, Florestam (Org). K. Marx e F. Engels. História Dos Grandes Cientistas Sociais. Ed. Ática.

### HISTÓRIA MODERNA II

Semestre: 4º

Carga Horária: 60 Horas

Créditos: 3.1.0.0

#### EMENTA

As transformações da Europa no final do século XVII ao XIX.

- O Renascimento, a Reforma e a Contra–Reforma.
- O Liberalismo.
- A Revolução Industrial.
- As Revoluções Burguesas.
- Historiografia e prática do ensino da História Moderna

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1) O Renascimento;
- 2) A Reforma e a Contra–Reforma;
- 3) O Iluminismo e o Liberalismo conformando uma nova visão de mundo;
- 4) A Revolução burguesa na Inglaterra;
- 5) A Revolução Francesa;
- 6) As condições econômicas e políticas que permitiram a constituição da burguesia européia;
- 7) A Revolução Industrial e suas conseqüências sociais;
- 8) O desenvolvimento da máquina e suas conseqüências;
- 9) O Cartismo e o Ludismo;
- 10) Questões de historiografia do período;
- 11) Observação e análise das práticas de ensino e de livros didáticos utilizados no ensino fundamental e médio



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. 3a. edição, São Paulo: Brasiliense, 1995, p.15–41.
- THEODORO, Janice. Descobrimientos e Renascimento. 2a. edição, São Paulo: Contexto, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. 17a. edição, São Paulo: Atual, 1994.
- FORTES, Luiz R. Salinas. O Iluminismo e os Reis filósofos. 4a. edição, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FLORENZANO, Modesto. As Revoluções Burguesas. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 67–115.
- HOBSBAWM, Eric J.. A Era das Revoluções – 1789–1848. 9a. edição, São Paulo: Paz e Terra, 1994, p. 43–94
- MOTTA, Carlos Guilherme. A Revolução Francesa– 1789–1799. São Paulo: Ática, 1989.
- MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1985, vol. II, p 261–294.
- DE DECCA, Edgar. O nascimento das fábricas. 10a. edição, São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LUIZETTO, Flávio. Reformas Religiosas. 2a. edição, São Paulo: Contexto, 1991.
- BITTENCOURT, Circe (org). O Saber em Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 1997.

## HISTÓRIA DO BRASIL II

**Semestre: 5º**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

### EMENTA

Estudo do Brasil na crise do sistema colonial. A formação do Estado Nacional. A Constituição da economia nacional cafeeira, sua hegemonia política e suas contradições. A transição do trabalho escravo para o trabalho livre. A superação da monarquia. A historiografia sobre o período. As práticas de ensino da História do Brasil.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 – Crise do Sistema Colonial.

- Dependência econômica de Portugal à Inglaterra e o rompimento do exclusivismo colonial.
- Supremacia do capital inglês sobre o Brasil monárquico.
- Alternância do poder no 1º império.
- A formação do Estado e organização da sociedade brasileira a partir da Independência.

2 – Constituição da economia cafeeira.

- O café como fonte de acumulação de capital.
- O sistema escravista e os rumos da servidão negra.
- Transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

3 – A suposta paz do 2º reinado.

- O esfacelamento da escravatura.
- O triunfo inglês na Guerra do Paraguai.
- Os ensaios da República a partir da saturação da monarquia.

4 – Questões historiográficas e análise das práticas de ensino da História do Brasil no período, observando a sala de aula e analisando livros didáticos.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CARDOSO DE MELLO, João Manoel. O Capitalismo Tardio. SP: Brasiliense, 1986.
- CHIAVENATTO, Júlio José. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. SP: Brasiliense, 1995.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. SP: Nacional, 1975.
- KOWARICK, Lúcio. Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil. SP: Paz e Terra, 1994.
- LAMOUNIER, Maria Lúcia. Da Escravidão ao Trabalho Livre – (A Lei de Locação de Serviços de 1879). SP: Papyrus, 1988.
- MAESTRI FILHO, Mário. A Servidão Negra. RS: Mercado Aberto, 1988.
- MARAM, Sheldon Leslie. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890–1920. RJ: Paz e Terra, 1979.



MATTOS, Ilmar Hohloff de. O Tempo Saquarema. SP: Hucitec (Brasília: DF–INL), 1987.  
NOVAIS, Fernando A. Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777–1808). SP: Hucitec, 1986.  
PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. SP: Brasiliense, 1994.  
TORRES, João Carlos Brum. Figuras do Estado Moderno – Representação Política no Ocidente. SP: Brasiliense, 1990.  
WERNET, Augustin. O Período Regencial: 1831–1840. SP: Global, 1982.  
BITTENCOURT, Circe (org) O Saber Histórico em Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 1997.

## HISTÓRIA DA AMÉRICA II

Semestre: 3º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 2.1.0.1

### EMENTA

A crise do sistema colonial e mudanças da política colonial; o desenvolvimento do Capitalismo na América; a Independência dos Estados Unidos; o processo de emancipação política e formação dos Estados Nacionais Latino–Americanos; O estilo liberal norte–americano; neocolonização imperialista nos países americanos; Historiografia e práticas do ensino da História da América nas escolas de primeiro e segundo graus.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- O desenvolvimento e independência das treze colônias inglesas.
- A crise, e a reforma do sistema colonial espanhol.
- A independência das colônias espanholas na América.
- A expansão e consolidação capitalista dos Estados Unidos: doutrina Monroe, a expansão territorial e a conquista do oeste, a guerra da Secessão, a guerra à Espanha e a Independência de Cuba e a grande crise de 1929.
- A formação dos Estados Nacionais na AL contra o pan–americanismo de Bolívar e os conflitos internos aos países e entre nações latino–americanas.
- A crise dos Estados Oligárquicos e a industrialização na AL.: abolição do escravismo, as políticas de branqueamento e imigração, as indústrias de substituição de importações, a independência de Cuba e a Revolução Mexicana.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BELLOTO, M. L. & CORREA, Anna Maria. A América Latina de Colonização Espanhola. SP: Hucitec/Edusp, 1979.  
CARDOSO, Ciro F. & BRIGNOLI, Héctor. História Econômica da América Latina. RJ: Ed. Graal, 1988.  
CATANI, Afrânio Mendes. O que é o Imperialismo. SP: Brasiliense, 1992.  
NIKITIUK, Dôni I. (org) . Repensando o Ensino de História. São Paulo: Cortez, 1996  
POMER, Leon. O Surgimento das Nações. SP: Atual, UNICAMP; 1990.  
STEIN, S. J. & STEIN, B. H. A Herança Colonial da América Latina: Ensaio de Dependência Econômica. RJ: Paz e Terra, 1977.

## HISTÓRIA DA AMÉRICA III

Semestre: 4º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 2.1.0.1

### EMENTA

As experiências populistas e de revoluções populares na América Latina. As ditaduras de Segurança Nacional e a redemocratização neoliberal no continente; os experimentos antineoliberais e neodesenvolvimentistas; a América Latina contemporânea: problemas, desafios e perspectivas político–econômicas e socioculturais; Historiografia e práticas do ensino da História da América nas escolas de primeiro e segundo graus.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- O imperialismo dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial.



- Os populismos na América Latina e a industrialização desenvolvimentista.
- As revoluções populares e socialistas na América Latina.
- As perspectivas da América Latina no contexto da globalização neoliberal.
- Questões de Historiografia e da prática do ensino da História da América nas escolas de primeiro e segundo graus.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- BELLOTO, M. L. & CORREA, Anna Maria. A América Latina de Colonização Espanhola. SP: Hucitec/Edusp, 1979.
- MOURA, Gerson. Estados Unidos e América Latina. SP: Conteúdo, 1990.
- SANTOS, José Vicente T. dos (Org). Revoluções Camponesas na América Latina. Câmpusnas: Ícone/Unicamp, 1985.
- BRUIT, Héctor. Revoluções na América Latina. SP: Atual, 1992.
- DONGHI, T. H. História Contemporânea da América Latina. Madri, Alianza Editora, 1972.
- FURTADO, Celso. Formação econômica da América Latina. RJ: Lia Editor, 1969.
- RIBEIRO, Darcy. América Latina a Pátria Grande. RJ: Ed. Guanabara, 1986.
- \_\_\_\_\_. O Dilema da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1979.
- NIKITIUK, Dôni I. (org) . Repensando o Ensino de História. São Paulo: Cortez, 1996
- GRONDIM, Marcelo. Haiti: cultura, poder e desenvolvimento. Brasiliense, n. 104 da coleção tudo é história.

#### **DIDÁTICA DO ENSINO DA HISTÓRIA**

**Semestre: 4º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

#### **EMENTA**

Fundamentação teórico-prática para o desempenho do processo de ensino aprendizagem em História.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- História da Didática no Brasil
- Tendências Pedagógicas
- A questão ensino/aprendizagem nos dias de hoje
- A Didática instrumental e a Didática Fundamental
- Aspectos fundamentais da Didática
- A práxis pedagógica: educador e educando
- A relação professor/aluno na sala de aula
- Questões disciplinares: onde ficam os limites?
- Conteúdos de História e sua relação com o cotidiano
- Questões metodológicas: como trabalhar conteúdos básicos de História de maneira prazerosa?
- Inteligências múltiplas: como desenvolvê-las?
- Avaliação da Aprendizagem: uma opção pela vida
- A importância das dinâmicas na sala de aula

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ANTUNES, Celso. Manual de Técnicas. Cortez, 1998.
- CANDAU, Vera Maria. A Didática em Questão. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. Rumo a Uma Nova Didática. Petrópolis: Vozes, 1988.
- LIBÂNEO, José Carlos. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. SP: Ande, 1983.
- LUCHR, Heloísa. Pedagogia Interdisciplinar. Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. A Reconstituição da Didática. Ed. Papirus, 1992.
- OLIVEIRA, Zilma de. Psicologia na Educação. Cortez, 1991.
- TELES, Maria Luiza Silveria. Filosofia para Jovens. Vozes, 1997.



## **ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Semestre: 3º**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

### **EMENTA**

A relação existente entre: Cultura, Sociedade, Desenvolvimento, Educação e Poder. A evolução e organização curricular do ensino no Brasil a partir de 1964. A LDB (Lei n.º 9394/96): limites e perspectivas; diretrizes, as bases da educação, situação das escolas. A unidade escolar: estrutura e funcionamento. A formação do professor para o ensino fundamental. O Estatuto do Magistério em Mato Grosso.

### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

A compreensão do processo educacional em suas múltiplas relações: pedagógica, histórica, social, econômica, política e cultural, incluindo também a compreensão dos aspectos legais que orientam a ação dos profissionais na unidade escolar. A compreensão da determinação sócio-político-econômicas, postas ao longo da história da educação brasileira até os nossos dias; análise da distância entre o proclamado e legal e a realidade educacional – no plano administrativo e no plano pedagógico.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- BRZEZINSKI, Iria (org.). LDB Interpretada: Diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997.
- CARNEIRO, Moaci Alves. LDB Fácil. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- DEMO, Pedro. A Nova LDB. Ranços e Avanços. Câmpusnas/SP: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. Desafios Modernos da Educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.
- MONLEVADE, João. Educação Pública no Brasil, contos e descontos. Brasília: IDEA Editora, 1997.
- MOTTA, Elias de Oliveira. Direito Educacional e Educação no Século XXI. Brasília: UNESCO, 1997.
- PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática da Escola Pública. São Paulo: Ática, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. A Nova Lei da Educação. 3ª ed. Câmpusnas/SP: Autores Associados, 1997.
- \_\_\_\_\_. Educação Brasileira: Estrutura e Sistema. 7ª ed. Câmpusnas/SP: Autores Associados, 1996.
- SEDUC. Diretrizes Educacionais: Lei do Sistema Estadual de Ensino, Lei de Carreira dos Professores da Educação Básica – LOPEB, Lei da Gestão Democrática. SEDUC, 1998

## **METODOLOGIA DE PESQUISA EM HISTÓRIA – II**

**Semestre: 6º**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 2.2.0.0**

### **EMENTA**

Métodos e técnicas de investigação na pesquisa histórica. As fontes históricas e elaboração de projetos de pesquisa.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma Introdução à História. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DO PILAR, Maria et al. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994
- \_\_\_\_\_. Projetos de Pesquisa. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARINHO DE AZEVEDO, Célia M. O Projeto de Pesquisa: o Conteúdo e Seus Itens. UNICAMP – SP, 1998 (não publicado)
- NIKITIUK (org.). Repensando o Ensino de História. São Paulo: Cortez, 1996.
- SILVA, Marcos. História: O Prazer em Ensino e Pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 1991.

## **HISTORIA DO BRASIL III**

**Semestre: 6º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

### **EMENTA**



Estudo da sociedade brasileira durante o período da República Velha, priorizando: a produção cafeeira, a imigração, a industrialização, o surgimento do proletariado e suas formas de resistência. Hegemonia do grupo político de São Paulo e Minas Gerais – suas contradições e ruptura. Historiografia e prática de ensino da História do Brasil.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- As transformações econômico–sociais na Segunda metade do século XIX e a disseminação das idéias republicanas.
- Os governos militares e a consolidação da República.
- Campos Sales e a política dos governadores.
- A oligarquização dos partidos políticos e a inexistência de agremiações de caráter nacional.
- Economia primário–exportadora e industrialização na primeira República.
- Organização sindical e movimentos operários.
- Crise política e ruptura oligárquica: as várias propostas de revolução em fins da década de 20.
- Questões de historiografia brasileira do período.
- Análise de práticas do ensino da História do Brasil nas escolas e livros didáticos.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- BELLO, José Maria. História da República. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.
- CAMPOS, Cristina Hebling. O Sonhar Libertário. São Paulo, UNICAMP, 1988.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Dos Governos Militares a Prudente – Campos Sales. IN: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 1. São Paulo, Difel, 1982.
- CARONE, Edgard. A Primeira República. São Paulo, Difel, 1976.
- \_\_\_\_\_. A República Velha: Instituições e Classes Sociais (1889–1930). São Paulo, Difel. 1978.
- \_\_\_\_\_. A República Velha: Evolução Política (1889–1930). São Paulo, Difel, 1983.
- CARVALHO, José Murillo. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador. IN: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Vol. 2. São Paulo, Difel, 1978.
- CASALECCHI, José Enio. A Proclamação da República. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- COSTA, Emilia Viotti da. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1979.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A Vida Fora das fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo (1920–1934). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DOWBOR, Ladislau. A Formação do Capitalismo Dependente no Brasil. Lisboa, Prelo, 1977.
- FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1983.
- GOMES, Angela Maria de Castro. Burguesia e Trabalho: Política e Legislação Social no Brasil (1917–1937). Rio de Janeiro, Câmpus, 1979.
- HAHNER, June E. Relações Entre Cívicos e Militares no Brasil (1889–1898). São Paulo, Pioneira, 1975.
- JANOTTI, Maria de Lourdes M. O Coronelismo: Uma Política de Compromissos. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- LEAL, Víctor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Alfa–Omega, 1978.
- LOVE, Joseph L. O Regionalismo Gaúcho. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- MONTEIRO, Hamilton M. Brasil República. São Paulo, Ática, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Coronelismo Numa Interpretação Sociológica. IN: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. Vol 1. São Paulo, Difel, 1982.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O Processo Político–Partidário na Primeira República. IN: MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em Perspectiva. São Paulo, Difel, 1977.
- NIKITIUK, Sônia L. (org). Repensando o Ensino da História. São Paulo: Cortez, 1996.



## HISTÓRIA DE MATO GROSSO I

Semestre: 7º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 3.1.0.0

### EMENTA

O estudo de Mato Grosso no quadro expansionista da política colonial. Estudo da inserção de Mato Grosso no processo de formação do Estado Nacional, contemplando também, a transição do trabalho escravo ao trabalho livre e o advento da República. Estudo crítico da historiografia regional. As práticas de ensino da História de Mato Grosso no primeiro e segundo graus.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- A expansão territorial portuguesa; as condições do Antigo Sistema Colonial e a conquista da parte mais central da América do Sul: os povos indígenas, primeiros ocupantes: Bororo, Pareci, Paiaguás e muitos outros; lutas e resistências. A mineração e a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá; a criação da Capitania em 1748 e a instalação da Vila Bela em 1752, a fundação de Vila Maria do Paraguai, aspectos do cotidiano social urbano e do trabalho indígena e do negro africano nos séculos XVIII e XIX.
- Crise e transição no processo de independência (a Rusga); aspectos políticos/econômicos e sociais da Província de Mato Grosso no séc. XIX; os quilombos e outras formas de resistências, o rio Paraguai na navegação e comércio, o extrativismo da Poaia, as Casas Comerciais as Usinas de açúcar, etc.
- Questões da historiografia de Mato Grosso.
- Análise do ensino da História de Mato Grosso nas escolas a partir da observação das práticas e de livros didáticos utilizados.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMADO, Janaína. "Construindo Mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos EUA". In: Passando dos Limites. Goiânia, UFG, 1995 pp. 51–78.
- CORREA, Virgílio. História de Mato Grosso. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O Extremo–Oeste. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- LEONARDI, Víctor. Entre Árvores e Esquecimentos: História Social dos Sertões do Brasil. Brasília, Edit. UNB, 1996.
- ROSA, Carlos Alberto. Vida Urbana em Mato Grosso no Século XVIII: o caso de Cuiabá (1723–1808). Tese de Doutorado, mimeo, USP, 1996.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et al. O Processo Histórico de Mato Grosso. Cuiabá, ed. Guaicurus, 1990.
- VOLPATO, Luíza. A Conquista da Terra no Universo da Pobreza: a formação da Fronteira Oeste do Brasil (1719–1819). São Paulo, Hucitec/INL, 1987.
- \_\_\_\_\_. Cativos do Sertão: Vida Cotidiana e Escravidão em Cuiabá em 1850–1888. São Paulo/Marco Zero; Cuiabá/EDUFMT, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Quilombos em Mato Grosso". In: REIS, João José (org) Liberdade por um fio.
- CAMELO, João Antônio Cabral. "Notícias Práticas das Minas de Cuiabá..." Em Afonso de Taunay, Relatos Monçoeiros, Belo Horizonte, Itatiaia, 1981. pp. 118–145.
- KARNAL, Leandro (org). História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

## PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Semestre: 1º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 3.1.0.0

### EMENTA

A psicologia como ciência. A psicologia do desenvolvimento. Estudo especial da puberdade e adolescência nos aspectos físico, emocional e intelectual.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I – Psicologia da Educação: conceito, campo de estudo e fundamento científico.



- Desenvolvimento histórico da psicologia: importantes escolas psicológicas (Estruturalismo, Funcionalismo, Behaviorismo, Gestalt. Psicanálise e Humanismo).

- A psicologia da Educação no Brasil.

UNIDADE II – A psicologia do desenvolvimento: abordagens básicas ao estudo do desenvolvimento.

- Fases do desenvolvimento humano nos aspectos físico, emocional, social e intelectual.
- Crescimento pré-natal (fase embrionária e fase fetal).
- Recém-nascido (fase neonatal)
- Primeira infância
- Segunda infância
- Puberdade e adolescência.
- Estudo das teorias do desenvolvimento de Freud (psicanálise) e Piaget.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. 3ª ed. Harper e Roni do Brasil, SP: 1994.

CAMPOS, Denah M. S. Psicologia da aprendizagem. RJ: Vozes, 1996.

GOULART, Iris Barbosa. Piaget: Experiências Básicas Para Utilização Pelo Professor. 9ª ed. Vozes, 1993.

MUSSEN et al. Desenvolvimento e Personalidade da Criança. Ed. Harbra.

MUELLER, Fernand Lucion. História da Psicologia. 2ª ed. Cia Editora Nacional, SP: 1978.

PIKUNAS, Justin. Desenvolvimento Humano. SP: 1981.

#### HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I

Semestre: 5º

Carga horária: 60 horas

Créditos: 3.1.0.0

#### EMENTA

A consolidação capitalista em seus múltiplos aspectos: a constituição da economia mundial e suas contradições: O surgimento do proletariado e suas formas de resistência. A historiografia contemporânea e o ensino da História Contemporânea na escola fundamental e média

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- História, progresso e violência (concepção moderna pós Revolução Francesa).
- A organização do espaço urbano no século XIX;
- As transformações sócio-econômicas após a Revolução Francesa;
- O mundo burguês;
- Desenvolvimento industrial e movimento operário;
- A disciplina nas fábricas;
- As cidades, os operários e as máquinas;
- A Era dos Impérios;
- Imperialismo e Socialismo Revolucionário;
- Nacionalismo.
- Questões da historiografia contemporânea.
- As práticas do ensino da História Contemporânea nas escolas de primeiro e segundo graus através da observação das práticas em sala de aula e análise de livros didáticos.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERMAN, Marshall. Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade. SP, Cia. das Letras, 1996.

BRESCIANI, Maria Stella. Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza. SP, Brasiliense, 1982.

HOBSBAWM, Eric. A Era do Capital – 1848 à 1870. 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. A Era das Revoluções 1789–1848. RJ, Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. A Era dos Impérios. RJ, Paz e Terra, 1992.

DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. 7ª ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.



- MARX, Karl. A Miséria da Filosofia. SP: Global, 1985.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. RJ, Paz e Terra, 1997.
- PERROT, Michelle. Os Excluídos da História. RJ, Paz e Terra, 1992.
- RAMINELLI, Ronaldo. "História Urbana" In. Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Ciro Flamarion S. Cardoso e Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Câmpus, 1997.
- WEFFORT, Francisco & Outros. Os Clássicos da Política – Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau. Vol I, Ed. Ática. SP. 1993.
- KARNAL, Leandro (org). História em Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.
- FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1983.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. Burguesia e Trabalho: Política e Legislação Social no Brasil (1917–1937). Rio de Janeiro, Câmpus, 1979.
- HAHNER, June E. Relações Entre Civis e Militares no Brasil (1889–1898). São Paulo, Pioneira, 1975.
- JANOTTI, Maria de Lourdes M. O Coronelismo: Uma Política de Compromissos. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- LEAL, Víctor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Alfa–Omega, 1978.
- LOVE, Joseph L. O Regionalismo Gaúcho. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- MONTEIRO, Hamilton M. Brasil República. São Paulo, Ática, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Coronelismo Numa Interpretação Sociológica. IN: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. Vol 1. São Paulo, Difel, 1982.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O Processo Político–Partidário na Primeira República. IN: MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em Perspectiva. São Paulo, Difel, 1977.
- HOBSBAWM, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

## HISTÓRIA DE MATO GROSSO II

**Semestre: 8º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

### EMENTA

O estudo de Mato Grosso no século XX. A expansão econômica e sua contextualização na sociedade, economia e política brasileira.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Imagens e representações sobre Mato Grosso a partir de 1850;
- O discurso de organização urbana em Cuiabá–Códigos de Posturas;
- Trabalhadores urbanos e rurais no período do coronelismo;
- A extração da erva–mate, poaia e o trabalho nas usinas de açúcar;
- O Estado Novo;
- Colonização em Mato Grosso;
- A expansão e consolidação do agronegócio na economia e na política mato–grossense.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. Vozes no Silêncio: Subordinação, Resistência e Trabalho em Mato Grosso (1888–1930). Cuiabá, Ed. UFMT, 1995.
- CASTRO, Maria Inês Malta & ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. Memória Histórica da Indústria de Mato Grosso. Cuiabá, UFMT/IEL, 1987.
- CORREA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. São Paulo, 1977.
- DECCA, Edgard de. O Nascimento das Fábricas. Coleção Tudo é História. São Paulo. Brasiliense, 1982.
- FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro. Rio de Janeiro. Globo, 1958.



ALEIXO, Lucia Helena Gaeta. Vozes no Silêncio. Mato Grosso/Ed. UFMT, 1995.  
FERLINI, Vera Lúcia Amaral. Terra, Trabalho e Poder. São Paulo. Brasiliense, 1980.  
KOWARICK, Lúcio. Trabalho e Vadiagem. A Origem do Trabalho Livre no Brasil. São Paulo. Brasiliense, 1987.  
LENHARO, Alcir. Terra Para Quem Nela Não Trabalha: A Especulação Com a Terra no Oeste Brasileiro nos Anos 50. In: Revista Brasileira de História. Terra e Poder. N.º 12, SP, 1986.  
\_\_\_\_\_. A Sacralização da Política. Câmpusnas/SP, Papyrus, 1986.  
PÓVOAS, Lenine de Campos. O Ciclo do Açúcar. Autor, 1983.  
\_\_\_\_\_. História Geral de Mato Grosso: Da Proclamação da República aos Dias Atuais. Vol. I e II, Cuiabá, L. C. Póvoas, 1996.  
VOLPATO, Luiza R. R.. Cativos do Sertão: Vida Cotidiana e Escravidão em Cuiabá (1850–1888). Cuiabá, EDUFMT/Marco Zero, 1993.

#### **HISTÓRIA DO BRASIL IV**

**Semestre: 7º**

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 3.1.0.0**

#### **EMENTA**

O Brasil Contemporâneo: da Revolução de 1930 até o golpe militar de 1964. Contemplando aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Primeira Unidade – 1930/1937

- A crise da primeira República.
- A revolução de 1930.
- O movimento de 1932 em São Paulo.

Segunda Unidade – 1937/1954

- O Estado Novo
- A redemocratização
- O governo Dutra: quadro político e econômico.
- O segundo governo de Getúlio Vargas

Terceira Unidade – 1954/1964

O Governo JK

O Governo de Jânio Quadros

A nova cultura brasileira (Bossa Nova e o Cinema Novo)

O governo de João Goulart

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964–1984). Petrópolis: Vozes, 1984.

DECCA, Edgar de. 1930: O Silêncio dos Vencidos. SP: Brasiliense, 1981.

FAUSTO, Boris. Revolução de 1930: Historiografia e História. SP: Brasiliense 1970.

MUNAKATA, Kazumi. A Legislação Trabalhista no Brasil. SP: Brasiliense, 1981.

SKIDMORE, Thomas. Brasil : de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930–1964). RJ: Saga Ed. 1969.

\_\_\_\_\_. Brasil : de Castelo a Tancredo. RJ: Paz e Terra, 1988.

STEPAN, Alfred. Os Militares na Política. RJ: Arte Nova, 1971.

WEFFORT, Francisco. O Populismo na Política Brasileira. RJ: Paz e Terra, 1978.

#### **ESTÁGIO CURRICULAR I**

**Semestre: 5º**

**Carga horária: 90 horas**

**Créditos: 2.4.0.0**

#### **EMENTA**

Metodologia do processo ensino–aprendizagem da História. Análise e acompanhamento em situações concretas – observação de aulas. Planejamento didático–pedagógico por unidades



temáticas.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O Ensino de História nas décadas de 1980 e 1990.

Etapas de elaboração de projeto de pesquisa.

Preparação de diagnóstico educacional

Elaboração de um programa de Curso para ser ministrado na escola-alvo.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BENJAMIN, Walter. Arte e Política. Ed. SP: Brasiliense.

CRUDO, Matilde Araki. História na Escola de 1º e 2º Graus: transmissão ou Produção de Conhecimento? Uma análise dos relatos de experiências de Ensino na Década de 80. SP: Pontifícia Universidade de São Paulo, 1991.

NEVES, Joana & BRANDÃO, Zeluiza. Condições de Trabalho do Professor e Ensino de História.

NIKITIUK, Sônia L. (Org.). Repensando o ensino da História. SP: Cortez Editora, 1996.

ZAMBONI, Ernesta (Coord.). A Prática do Ensino de História. SP: Cortez (Cadernos Cedes 10).

### TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO I

Semestre: 7º

Carga Horária: 60 horas

Créditos: 2.2.0.0

#### EMENTA

Operacionalização da pesquisa: levantamento e análise crítica de documentos; procedimentos de análise e síntese; redação e orientação para a apresentação da monografia. Orientação.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARDOSO, Ciro F. & VAINFASS, Ronaldo. Os Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Câmpus, 1997.

LE GOFF, Jacques. Documento e Monumento. In: História e Memória. Câmpusnas/SP: UNICAMP, 1992.

MATOS, Ilmar R. Ler e Escrever para Contar. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.

NORA, Pierre & LE GOFF, J. História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. História: Novas Metodologias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

### ESTÁGIO CURRICULAR II

Semestre: 6º

Carga Horária: 90 horas

Créditos: 3.3.0.0

#### EMENTA

Fundamentação teórico-prática (regência) através da iniciação ao trabalho interdisciplinar no ensino da História.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

SENEILLART, Michel. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. São Paulo: Tempo Social: Ver. Sociol. USP, outubro 1995.

RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. São Paulo: Tempo Social: Ver. Sociol.USP, outubro 1995.

\_\_\_\_\_. Libertar a História, Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, Jorge. A liberdade da liberdade. In PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme. (org.). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

LYOTARD, Jean François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme(org.). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme (org.). Retratos de



- Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2002.
- JENKINS, Keith. A História repensada. São Paulo: Contexto, 2001.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o uso dos prazeres. Vol. 2. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. História da sexualidade: o cuidado de si. Vol. 3. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Arte e Política. Ed. SP Brasiliense.
- CRUDO, Matilde Araki. História na escola de 1º e 2º
- Graus: transmissão ou produção de conhecimento? Uma análise dos relatos de experiências de ensino na década de 80.SP: Pontifícia Universidade de São Paulo, 1991.
- NEVES, Joana & BRANDÃO, Zeluiza. Condições de trabalho do professor e ensino de História. NIKITIUK, Sônia L. (org.). Repensando o ensino da História. SP: Cortez Editora, 1996.
- ZAMBONI, Ernesta (Coord.). A prática do ensino da História. SP: Cortez (Cadernos Cedes 10).
- COMENIUS, (1592–1670). Didática Magna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Câmpusnas – SP: Ed. da Unicamp, 1994.
- NIETZSCHE, F (1844–1900). A genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. Sobre verdades e mentiras no sentido extramoral. In Os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1978.
- \_\_\_\_\_. Das vantagens e desvantagens da História para a vida. In Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- WHITE, Hayden. Os tópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Unesp, 1994.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. (tomo I). Câmpusnas – SP: Papyrus, 1994.
- ANAIS DO III ENPE Encontro Nacional de Prática de Ensino. PUCSP, 1985.
- FAZENDA. Ivani Catarina A. Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- \_\_\_\_\_. A prática de ensino e estágio supervisionado. 2. ed. Câmpusnas/SP: Papyrus, 1994.
- \_\_\_\_\_. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. São Paulo : Edições Loyola, 1997.
- VEIGA–NETO, A. J. A ordem das Disciplinas. Porto Alegre : PPG Educação, UFRGS, 1996c. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol?. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- VYGOTSKY. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio–histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

## HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA II

Semestre: 6º

Carga Horária: 60 h/a

Créditos: 3.1.0.0

### EMENTA

Estudo do Capitalismo e do Socialismo no século XX, a partir de uma análise política, econômica e cultural, tendo como centro da perspectiva o conceito de Estado e Nação. Estudar a reestruturação do capitalismo e o socialismo das últimas décadas deste século. Análise sobre os conceitos de revolução e utopia.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 – O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: Crises e alternativas.

- O Imperialismo
- A Revolução Russa
- Os regimes Totalitários

2– O CAPITALISMO E O SOCIALISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO:

- A Guerra Fria
- A Descolonização



- Expansão do Bloco Socialista
3. A REESTRUTURAÇÃO DO CAPITALISMO E O SOCIALISMO:
- A Europa Ocidental e o Leste Europeu

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo: anti-semitismo-imperialismo-totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. À sombra das Maiorias Silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. A Transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos. Câmpusnas: Papirus, 1990.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERLIM, 1919–1933: a encarnação extrema da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1933.
- ELIAS, Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FERRO, Marc. História das Colonizações: das colonizações às independências, séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. Antoine Prost e Gérard Vincent (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOBSBAWN, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWN, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX 1914–1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro: Grall, 1977.
- LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- MACCIOCCHI, Maria Antonietta. As mulheres e a travessia do fascismo. In “Elementos para uma análise de fascismo. Lisboa: Bertrand, 1977. p. 83–167.
- MILIBAND, Ralph. Reflexões sobre a crise dos regimes comunistas. In “BLACKBURN, Robin (org). Depois da queda– o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 21–35.
- MODERNISMO: Guia Geral 1890–1930. Malcom Bradbury e James McFarlane (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NETTO, José Paulo. O que é Stalinismo. Primeiros Passos. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- REIS Fº, Daniel Aarão. A revolução alemã: mitos e versões. Tudo é História. São Paulo: Brasiliense: 1984.
- REIS Fº, Daniel Aarão. URSS: o socialismo real (1921–1964). Tudo é História. São Paulo: Brasiliense:,1985.
- RICHARD, Lionel. A República de Weimar, 1919–1933. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WOOD, Alan. As origens da Revolução Russa. São Paulo: Editora Ática, série Princípios, 1991.

#### **ESTÁGIO CURRICULAR III**

**Semestre: 7º**

**Carga horária: 120 horas**

**Créditos 4.4.0.0**

#### **EMENTA**

Disciplina voltada para o ensino e a prática de regência escolar, sendo dividido em três fases: Um pequeno período em sala de aula para a preparação da regência; O aluno participa da regência em escolas do ensino fundamental; Dedicada à produção de um relatório sobre as atividades desenvolvidas;

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ANAIS DO III ENPE Encontro nacional de prática de ensino. PUCSP, 1985.



FAZENDA, Ivani Catarina A. Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. A prática de ensino supervisionado. 2. ed. Câmpusnas/SP: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

VEIGA–NETO, A. J. A ordem das disciplinas. Porto Alegre: PPG Educação, UFRGS, 1996. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? Porto Alegre: Sulina, 1995.

VYGOTSKY. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio–histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

## HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA

Semestre 1º Carga horária: 60 horas

Créditos: 1.1.1.1

### EMENTA

A colonização Européia – Os movimentos de descolonização. O "Apartheid".

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- O Congresso de Berlim de 1885.
- A Colonização Inglesa.
- A Colonização Francesa e Portuguesa.
- O Processo de Descolonização da África Negra.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Perry. Portugal e o Fim do Ultracolonialismo. RJ, Civilização Brasileira, 1966.

BRUNSCHWIG, Henri. A Partilha da África. Lisboa, Publicações Dom Quixote. 1972.

Cadernos Cândido Mendes. Publicação do Centro de Estudos Afro–Asiáticos (CEAA). RJ, Vários Números.

FERREIRA, Eduardo de Sousa. África Austral: O Passado e o Futuro. Lisboa, Seara Nova, 1977.

SARAIVA, José Flávio Sobra. Formação da África Contemporânea. SP: Atual, 1987.

LINHARES, Maria Yedda. A Luta Contra a Metrópole. SP, Brasiliense, 1983.

MACKENZIE, J. M. A Partilha da África (1880–1900). SP, Ática, 1987.

N'KRUMAH, Kwame. Nelcolonialismo: Último Estágio do Imperialismo. RJ, Civilização Brasileira, 1966.

WESSELING, H. L. Dividir Para Dominar: a partilha da África (1880–1914). RJ: Ed. UFRJ; Ed. Revan, 1998.

## HISTÓRIA E ASSUNTOS INDÍGENAS

Semestre: 2º

Carga horária: 60 h/a

Créditos: 1.2.0.1.0

### EMENTA

Diferentes abordagens historiográficas relativas à História Indígena do Brasil e de Mato Grosso; Metodologias e aplicabilidades do ensino de história indígena em sala de aula.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O contato entre portugueses e indígenas no período colonial (São Paulo); Aldeamentos no Rio de Janeiro colonial; A legislação colonial – O Diretório; Grupos indígenas de Mato Grosso no século XVIII; O ensino de História e a Lei 11.645/08; O ensino de História e guia de fontes indígenas; “Pacificação” de indígenas no Mato Grosso provincial; Os indígenas e a Lei de Terras (1850); A questão de terras indígenas no Mato Grosso republicano; O ensino de História Indígena e as perspectivas educacionais.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.



ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha e SHOIET, Rachel (orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

COSTA, Maria de Fátima. História de um País Inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo, Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

GRUPIONI, L. D. B. Índios no Brasil. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhias das Letras, 1994.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida Rita. Pacificando o Branco: Cosmologia do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. Cibáe Modojobádo – a Rosa Bororo e a “pacificação dos Bororo Coroado” (1845 a 1887) ICHS–UFMT. Dissertação de Mestrado, 2002.

BITTENCOURT, Circe. O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

CEREZER, Osvaldo; JESUS, Nauk; RIBEIRO, Renilson (orgs.). Ensino de História: trajetórias em movimento. Cáceres – MT: Editora Unemat, 2007.

CUNHA, M. C. da. Introdução a uma história indígena. In CUNHA, M. C. da. História dos índios no Brasil. São Paulo, FAPESP/SMC/Companhia das Letras, pp. 9–24, 1992.

FERNADENS, Joana. Dossiê: Índios em Mato Grosso. OPAN/CIMI–MT, 1987.

JANUÁRIO, Elias. Caminhos da Fronteira: Educação e Diversidade em Escolas da Fronteira Brasil–Bolívia (Cáceres–MT). Cáceres, Editora Unemat, 2004.

MONTEIRO, John. M. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, A. L. & GRUPIONI, L.D.B (Org). A Temática Indígena na Escola: Novos subsídios para Professores de 1º e 2º Graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

\_\_\_\_\_. Guia de fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros. São Paulo: NHII/USP–FAPESP, 1994.

NOVAES, Adauto (org). A outra margem do Ocidente: São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.). Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1987.

OLIVEIRA, Jorge. E. Guató: argonautas do Pantanal. Porto Alegre, Edipucrs, 1996.

#### **ESTÁGIO CURRICULAR IV**

**Semestre: 8º**

**Carga horária: 120 horas**

**Créditos 4.4.0.0**

#### **EMENTA**

Disciplina voltada para o ensino e a prática de regência escolar, sendo dividido em três fases: Um pequeno período em sala de aula para a preparação da regência; O aluno participa da regência em escolas do ensino médio; Dedicada à produção de um relatório sobre as atividades desenvolvidas;

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ANAIS DO III ENPE Encontro nacional de prática de ensino. PUCSP, 1985.

FAZENDA, Ivani Catarina A. Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. A prática de ensino supervisionado. 2. ed. Câmpusnas/SP: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

VEIGA–NETO, A. J. A ordem das disciplinas. Porto Alegre: PPG Educação, UFRGS, 1996. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? Porto Alegre: Sulina, 1995.

VYGOTSKY. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio–histórico. São Paulo: Scipione, 1993.



## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Semestre: 4º

Carga horária: 60 h/a

Créditos: 2.2.0.0.0

### EMENTA

**DISCIPLINA:** LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

**CARGA HORÁRIA:** 60 horas (3.1.0.0)

### EMENTA

Desenvolvimento de habilidades e estratégias para sinalização/prática/uso em Libras. História da educação de surdos e da Língua Brasileira de Sinais. Cultura surda. Gramatização da Língua Brasileira de Sinais: dicionários e gramática. Aspectos fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo da Língua Brasileira de Sinais.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAPOVILLA, Fernando César & RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de Língua de Sinais Brasileira*. 2. ed. São Paulo, Edusp e Imprensa Oficial do Estado. 2009.

COSTA, Margareth Torres de Alencar. *Libras: conheça essa língua*. Teresina: FUESPI, 2014. (disponível no SISUAB).

COUTINHO, Denise. *Língua Brasileira de Sinais: semelhas e diferenças*. V.I, II. Arpoador: São Paulo, 2000.

FERNANDES, Sueli. *Educação de surdos*. Curitiba: Ibpex, 2007.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

A Bibliografia Complementar será definida pelo professor da disciplina

## TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

**CARGA HORÁRIA:** 30 horas (1.1.0.0)

**EMENTA:** Elaboração de projetos de trabalhos de conclusão de curso.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática, fichamentos, resumos, resenhas*. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SALOMON, D.V. *Como fazer monografia*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZANDOMENEGO, Diva; CERUTTI–RIZZATTI, Mary Elisabeth. *Produção textual acadêmica I*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008. (disponível no SISUAB).

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

A Bibliografia Complementar será definida pelo professor da disciplina.

## DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**CARGA HORÁRIA:** 30 horas (1.1.0.0)

**EMENTA:** Orientação, elaboração e apresentação do trabalho de conclusão de curso.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ZANDOMENEGO, Diva; CERUTTI–RIZZATTI, Mary Elisabeth. *Produção textual acadêmica I*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008. (disponível no SISUAB).



**Bibliografia Complementar:** A Bibliografia Complementar será definida pelo professor da disciplina.

## CAPÍTULO XI EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

### PRODUÇÃO DE TEXTOS DIDÁTICOS EM HISTÓRIA

**Carga horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

#### EMENTA

Produção e Elaboração de Textos Didáticos, objetivando a transmissão do saber histórico.

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- A produção de textos didáticos nas décadas de 70 e 80 no Brasil.
- A produção de textos didáticos na década de 90 no Brasil.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ECO, Umberto & BONAZI, Marisa. Mentiras que parecem verdades. 6ª ed. SP: Summus, 1980.  
FERRO, Marc. A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação. SP: Ibrasa, 1983.  
FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Câmpusnas: Papyrus, 1993.  
LE GOFF, Jacques et al. A Nova História. Lisboa: Edições 70, 1983.  
TELLES, Norma Abreu. Cartografia Brasilis ou: esta história está mal contada. SP: Loyola, 1984.  
ZAMBONI, Ernesta. Que História é Essa? Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História. SP: 1991.  
MUNAKATA, Kazumi. História que os Livros Didáticos Contam, Depois que Acabou a Didatura no Brasil. In: Marcos César de Freitas (Org.) Historiografia Brasileira em Perspectiva. SP: Contexto, 1998.

### HISTÓRIA ORAL

**Carga Horária: 60horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

#### EMENTA

Memória e história; Relatos orais e memória; Problemas teóricos e metodológicos da pesquisa com fontes orais em História.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.  
AMADO, Janaina e MORAIS, Marieta (org.). Usos e abusos da história oral. São Paulo: MEIHI, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1986.  
MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral: a memória popular revisitada. Câmpusnas: Contexto, 2001.  
\_\_\_\_\_. e FERNANDES, Tânia Maria (org.). História oral: um espaço plural. Recife: Universitária–UFPE, 2001.

### HISTÓRIA POLÍTICA E DO TEMPO PRESENTE

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

#### EMENTA

A dimensão dos espaços plurais construídos pelas ações e representações de poderes, as quais articulam relações diversas entre Estado e sociedade, movimentos sociais, partidos políticos e outras organizações, meios de comunicações, produções culturais, práticas intelectuais, mundo simbólico e a manifestação das disputas entre grupos distintos que constituem a dinâmica social, entre outros aspectos, são os enfoques da História Política.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA



ARENDR, Hannah. Da revolução. São Paulo: Ática, 1988.  
FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.  
BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.  
JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.  
RÉMOND, Rene. Por que a História Política? In: Revista Estudos Históricos, 13, 1994, pp.: 7 a 19.  
REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Lisboa: Difel, 1989.  
TEIXEIRA, Nuno Severiano. A História Política na historiografia contemporânea. In: Ler História, 13, 1989.

## **HISTÓRIA E IMAGENS**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

### **EMENTA**

Os conhecimentos da natureza e do homem americanos fizeram-se pelas narrativas escritas e pela iconografia nelas contidas; foram elas que criaram e projetaram as imagens pelas quais a América se inseriu no imaginário ocidental. Assim, a disciplina propõe, na linha da História Cultural, estudar as representações elaboradas sobre o mundo americano, com ênfase no Brasil, a partir das imagens que ilustram as narrativas de cronistas e viajantes durante os séculos XVI, XVII, XIII E XIX.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BECHTOLSHEIM, Delia Von. Mitos da América do ponto de vista europeu. In: Humboldt, n. 55.  
BELLUZZO, Ana Maria. A lógica da imagens e os habitantes do novo mundo. IN: Índios no Brasil: a descoberta da América e o encontro com o outro. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.  
CHIAPPELLI, Fredi. First imagens of America – the impact of the new world on the old. (2 vol.). Los Angeles: University of California Press, 1972.  
DIENNER, Pablo. Rugendas – 1802–1858. Augsburg: Wissner Verlag, 1997.  
GIUCCI, Guillermo. Viajantes do maravilhoso – o mundo novo. São Paulo: Cia das Letras, 1992.  
HARTMANN, Thekla. A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX. IN: Coleção Museu Paulista. Série Etnologia. Vol I. São Paulo: USP, 1974.  
PANOFKY, Erwin. Estudos de iconologia – temas humanísticos na arte do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.  
STOLS, Eddy. A iconografia do Brasil nos países baixos do século XVI ao século XX. IN: Revista USP – dossiê Brasil dos Viajantes. São Paulo: USP, 1996.

## **HISTÓRIA E GÊNERO**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

### **EMENTA**

O estudo de gênero não é por conseguinte o por termo a termo a uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino-feminino, mas antes identificar, para cada configuração histórica os mecanismos que enunciam e representa como dado “natural”, e por isso biológico, a divisão social – e por isso histórica – dos papéis e das funções.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

CORBIN, Alan. "A pequena bíblia dos jovens nubentes". In: Amor e sexualidade no Ocidente, edição especial da Revista História Senil: Porto Alegre: L e PM, 1992.  
CRAWFORD, Patrícia. "Conhecimento sexual na Inglaterra, 1500 – 1750". In: Porter, Roy e Teich, Mikulas (orgs.). Conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo, Editora UNESP, 1998.  
GARRIOCH, David. "Insultos verbais na Paris do século XVIII". In: Burke, Peter e Porter, Roy. História Social da Língua. São Paulo: UNESP, 1997.



- HORTA, Regina Duarte. Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- MICHEL, Foucault. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais et al. Rio de Janeiro: Naud Editora, 1996.
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PERARO, Maria Adenir. Fardas, Saias e Batina: a Ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá – 1853 – 1890. UFPR – Maringá, 1997 (Tese de Doutorado).
- \_\_\_\_\_. A imigração para Mato Grosso no século XIX – Mulheres Paraguaias: Estratégias e Sociabilidades. UEM/UDEL, 2000.
- RAGO, Margareth. "As mulheres na historiografia brasileira". In: Silva, Zélia Lopes (org.). São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- \_\_\_\_\_. "Epistemologia Feminista, Gênero e História". In: Pedro, Joana Maria e Grossi, Miriam Pilar. Florianópolis, 1998.
- \_\_\_\_\_. Os Prazeres da Noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SCHIEBINGER, Londa. "Mamíferos, primatologia e sexologia". In: Porter, Roy e Teich, Mikulas (orgs.). Conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: UNESP, 1998.
- SWAIN, Tânia Navarro. "A Construção Imaginária da História e dos Gêneros: O Brasil, no século XVI". In: Textos de História – Revista da Pós- Graduação em História da UNB. Volume 4, número 2, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Você disse imaginário?" In: Lacerda, Sônia et. Al, org. Tânia Navarro Swain. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- SCOTT, Joan. "História das mulheres". In: Burke, Peter (org). A escrita da história – Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- VOLPATO, Luíza Rios Ricci. Cativos do Sertão: Vida cotidiana e a escravidão em Cuiabá(1850–1888). São Paulo: UFMT/Marco Zero, 1993.
- PERROT, Michele e DUBY, Georges – História das mulheres no Ocidente. Volume 1,2,3,4,5 Porto: Edições Afrontamento

## **HISTÓRIA, CULTURA E CIDADES**

**Carga Horária: 60horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

### **EMENTA**

O estudo das cidades associado a idéia de cultura. Nesse sentido, as cidades passam a se constituir não mais um todo homogêneo, mas se definem pela sua multiplicidade. A constituição dos espaços e territórios urbanos no Brasil, sobretudo em Mato Grosso, nos séculos XVIII, XIX e XX. Os conceitos de função e usos nos estudos das cidades.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- COULANGES, Fustel de. A cidade antiga. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- MUNFOURD, Lewis. A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. O apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro (org.). Cidades. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOLLE, Willi. Fisionomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: EDUSP, 1994.



Revista Brasileira de História. Cultura e cidades. São Paulo: Ed. Marco Zero, Vol. 5, nº 819, setembro de 1984/ abril de 1985.

### **HISTÓRIA E ETNIA**

**Carga Horária: 60horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

#### **EMENTA**

Abordagens e temáticas antropológicas em um contexto histórico, envolvendo questões pertinentes aos povos indígenas do Brasil, especificamente do estado do Mato Grosso, diferenciação étnico-cultural e diversidade cultural. Ação indigenista e as frentes de colonização e os povos ameríndios de Mato Grosso. História e cultura das sociedades indígenas mato-grossenses. Povos indígenas no contexto da historiografia brasileira.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia da Letras, 1992.  
LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. Lisboa: Presença, 1989.  
FERREIRA NETO, Edgard. História e Etnia.. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História.. Rio de Janeiro: Câmpus, 1997.  
SAHLINS, Marshall. Ilhas de História.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.  
TODOROV, Tzvetan. A conquista da América. – a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1988.  
VAINFAS, Ronaldo. América em tempo de conquista.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

### **HISTÓRIA E LITERATURA**

**Carga Horária: 60horas**

**Créditos: 4.0.0.0**

#### **EMENTA**

O diálogo entre História e Literatura contribui para a leitura das múltiplas formas de registrar os acontecimentos e os traços culturais em que esses ocorrem. A construção da narrativa histórica, na perspectiva dos paradigmas atuais, estabelece uma relação direta com a produção literária, concebendo o texto literário enquanto representação de uma realidade que, mesmo ficcional, trata de uma temporalidade histórica.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.  
MORENO, C. F.(org.). América latina en su Literatura. 4 ed. México: Siglo XXI, Paris: UNESCO, 1977.  
AUERBACH, E. Introdução aos estudos literários. São Paulo: Cultrix. 1970.  
BARTHES, Roland. Análise estrutural da narrativa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.  
BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Os pensadores. Vol. XLVIII. São Paulo: Abril, 1975.  
BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.  
CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1973.  
GRAMSCI, Antônio. Cultura y Literatura. Barcelona: Península, 1972.  
TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 1969.  
FOUCAULT, Michel. El orden del discurso. Barcelona: Tusquets, 1963.  
PESAVETO, Sandra Jatahy (org.). Leituras cruzadas: diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.  
KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden Whitee Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn. (org.). A nova História Cultural. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

### **HISTÓRIA E CARTOGRAFIA**

**Carga Horária: 60 horas**

**Créditos: 4.0.0.0**



## EMENTA

O curso deve proporcionar conhecimentos básicos para leitura e compreensão de diversas formas de representação cartográfica. Na construção do saber histórico a cartografia é percebida como veículo de representação da realidade, pela qual constrói múltiplos tempos e espaços sociais, enquanto resultados de práticas políticas e ações de poderes.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MCEVEDY, Colin. Atlas de História Antiga. São Paulo: Verbo, 1989.

\_\_\_\_\_. Atlas de História Medieval. São Paulo: Verbo, 1990.

\_\_\_\_\_. Atlas de História Moderna. São Paulo: Verbo, 1991.

GRANNEL-PÉREZ, Maria del Carmem. Trabalhando Geografia com as cartas topográficas. Ijuí-RS: Ed. UNIJUI, 2001.

FERNAND, Joly. A cartografia. 4 ed. São Paulo: Papyrus, 1992.

OLIVEIRA, Ceurio de. Curso de cartografia. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MICELI, Paulo. Onde estamos – viagens e viajantes na História. Câmpusnas: UNICAMP, 2000.

Atlas Histórico, Isto É. Brasil 500 anos. São Paulo: ed. Três, 1998.

## 11.1. PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

(descrição operacional da articulação série a série)

### A CONCEPÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO

Nesta proposta, a prática como componente curricular, é pensada de forma a integrar a formação dos licenciandos com a amplitude dos campos da produção histórica, relacionadas direta e ou diretamente às questões pertinentes ao ensino.

A prática de ensino não se restringe a uma dimensão estrita e exclusivamente escolar, pois é o conjunto das vivências, intervenções, experiências e produções pelas quais os acadêmicos devem transitar para a sua mais ampla e completa formação como professores de História.

Assim, os espaços de ensino formalmente escolares, bem como aqueles não definidos por sua inserção nas instituições de ensino, serão, ao longo do curso, campos de aprendizado, experiência e intervenção para os acadêmicos, dentro de uma perspectiva de integração e transcrição didática dos conteúdos aprendidos na universidade para as diversas realidades de atuação do profissional de História.

Nas 4 (quatro) Oficinas de História a prática se concretiza ao longo do curso, caracterizada por múltiplas dimensões de interatividade: em primeiro lugar, com os conteúdos formais ensinados na Licenciatura; em segundo, com as especificidades dos diferentes campos de atuação do Historiador em ensino; em terceiro, com as práticas em cada uma das disciplinas do curso e; por fim com as disciplinas do Estágio Curricular Supervisionado estritamente prático.

Adota-se uma metodologia própria de articulação entre as diferentes disciplinas de conteúdo, as atividades de prática e as de estágio supervisionado, em relação à sua dimensão de implantação e gerenciamento.

Este processo se concretiza com a criação de disciplinas de articulação e a atribuição da carga e titularidade da mesma a um ou mais docentes, para realizarem a necessária articulação entre os conteúdos formais e as necessidades dos campos da prática, sob a responsabilidade do Coordenador do Curso em ação conjunta com os Coordenadores de Polos.

No espaço curricular, a articulação integradora é feita pelas disciplinas de Oficina de História I a IV. Estas disciplinas, que compõem o eixo de Práticas de Ensino, são voltadas também para a construção de vivências e intervenções e a produção de materiais de suporte para estas atividades, como pode ser visto e fundamentado a seguir, na medida em que a atuação do professor em formação dentro da escola será sempre coletiva, e é preciso constituir desde o início a perspectiva do trabalho em equipe, fazendo dos trabalhos de grupo e suas respectivas



avaliações uma construção de uma mentalidade de colaboração e solidariedade, desestimulando comportamentos individualistas e descomprometidos que prejudiquem os demais.

O primeiro passo para a construção do saber docente, na perspectiva desse currículo, é a necessidade de conhecer o aluno que comporá o público do professor de História. Embora não seja possível pesquisar extensamente a formação à qual as crianças são submetidas pelo mundo em que vivem, a disciplina deve construir no acadêmico a noção de que a consciência histórica de seus futuros alunos não depende exclusivamente dele, mas começa muito antes da chegada do aluno à escola, concorre com as aulas de História e continua após o período em que as aulas de História não estão mais presentes na vida dos sujeitos.

O objetivo é construir, nessa noção dos trajetos educativos não–escolares, a perspectiva de que é preciso conhecer os alunos e ter ideia da História que eles vivem e aprendem no cotidiano, através da família, da mídia, dos nomes de logradouros públicos, estátuas, etc. Esse conhecimento precisa ser considerado pelo mestre, precisa estabelecer diálogo com o conhecimento que ele quer trabalhar com os alunos, sob pena de um ou outro serem excluídos, deformados ou pior, desconsiderados ambos pelos alunos. Nesse sentido, as disciplinas estão estruturadas em torno da reflexão entre o escolar e o não–escolar, e a produção dos alunos será dada por um projeto de investigação sobre a educação histórica.

O projeto de investigação tem por primeiro objetivo constituir a noção de que a pesquisa é característica inerente ao professor, bem como a ideia de que é possível (mais que isso, imprescindível) articular a atividade de ensino com a atividade de produção de conhecimento, compondo efetivamente o processo educativo em todas as suas atribuições.

O campo em que essa primeira atividade prática, integradora de conhecimentos e de intervenção na realidade, é a educação histórica não–escolar, entendendo educação como os processos em que se verifica um trânsito de saberes entre sujeitos dotados de saberes diferentes, e histórica como a referência a saberes constituídos a partir da reflexão sobre as representações de indivíduos e coletividades no tempo. Os professores das disciplinas poderão optar entre duas vertentes: o levantamento de dados e a reflexão sobre as mensagens históricas emitidas pelos mais diversos meios visando influir sobre a formação da consciência histórica da população ou, por outro lado, a leitura e as representações constituídas entre alunos e professores sobre o conhecimento histórico. Outras propostas podem, inclusive, investigar a relação entre essas vertentes, nos mais variados recortes.

É recomendável que essas investigações, uma vez concluídas e sistematizadas, sejam publicadas em espaços específicos, constituindo material de avanço do conhecimento sobre a história ensinada e de formação continuada para os licenciados já em atividade.

A fé básica do profissional de História é a de que toda realidade pode ser melhor compreendida através do recurso ao estudo de sua História. Nesse sentido, a primeira preocupação dessas disciplinas é dobrar–se sobre o próprio ensino de História, para entendê–lo como objeto dotado de historicidade, com origens, desenvolvimento e articulação com os contextos bem delimitados. Recorre–se, portanto, ao referencial da História das Disciplinas Escolares (cf. Chervell) e às produções de diversos historiadores para a compreensão do estabelecimento da História como componente da formação escolar.

Na atividade prática de produção de conhecimentos, o foco é a História especificamente na escola. Dever–se–á trabalhar a partir de diversas fontes de dados sobre a história na escola e especificamente na sala de aula, preparando–se para uma presença de observação etnográfica no ambiente escolar, que também pode valer–se das metodologias da pesquisa–ação, tendo por meta levantar os problemas nesse campo, constituir hipóteses, elaborar instrumentos mais acurados de coleta de dados e realizar pesquisas que possam ampliar o conhecimento nesses campos, e servir tanto à formação dos licenciandos quanto à análise dos problemas educacionais gerais e em ensino de História.



A reflexão sobre a escola deve partir do pressuposto de que não há divisão sustentável entre “nós”, Universidade, e “eles”, Escola. A Universidade forma as pessoas que gerenciam a Escola e esta, por sua vez, prepara os alunos que adentram a Universidade em busca de aprofundamento de seus saberes: o estabelecimento de culpabilizações, de um ou de outro lado, é improdutivo (cf. SILVA, s.d.). O que não dispensa a crítica, responsável, diagnóstica e solidária.

### **OFICINA DE HISTÓRIA I 30H**

A reflexão sobre a mídia enquanto sistema de produção de bens simbólicos e suas implicações políticas, sociais e culturais é fundamental para o professor. Além dessa reflexão, o objetivo da disciplina é constituir a postura crítica e produtiva em relação à mídia na escola, ou seja, preparar um profissional que, em vez de submeter a escola à cultura de massa, seja capaz de analisar, discutir e selecionar o que utilizará em sala de aula oriundo as produções culturais; a postura produtiva não se resume à capacidade de efetuar releituras e novas disposições dos produtos da cultura tendo em vista a sua utilização didática, mas também a compreensão de que é possível e necessário que os produtos culturais sejam criados em sala de aula (fotografia, vídeo, hipertexto, etc.). O produto dessa oficina são projetos de intervenção pontuais na escola estudando a produção/adaptação das mídias para uso didático e as interações possíveis com os alunos.

### **OFICINA DE HISTÓRIA II 30H**

Considerando que o ensino de História não se resume à sala de aula, essa disciplina está destinada a produzir conhecimento sobre diferentes instituições e práticas envolvidas de alguma forma com o ensino da História: jornais, organizações não-governamentais como sindicatos e movimentos populares, museus, exposições. Nessa oportunidade, em especial, faz-se necessária a reflexão teórica sobre os usos da História e sobre o atendimento às “carências de orientação temporal” (RÜSEN, 2001), considerando que, se por um lado todos os grupos sociais recorrem ao passado e à memória para fortalecer suas ações e posições, por outro o compromisso da Universidade não é com a perspectiva afetiva e legitimadora que os usos sociais do passado estabelecem, mas com a reflexão e a crítica que a ciência é capaz de encaminhar. A disciplina tem como produtos privilegiados os roteiros de utilização dos museus, roteiros didáticos para visita a monumentos e sítios históricos, folders explicativos sobre esses mesmos espaços, subsídios didáticos para órgãos e instituições.

### **OFICINA DE HISTÓRIA III 30H**

Toda a produção historiográfica supõe ampla base de documentação. Nesta oficina serão tratados os aspectos centrais do documento, da arquivística e arquivologia com o exercício concreto de organização dos arquivos das escolas, das organizações sociais, das comunidades, cidades ou municípios de onde provém os acadêmicos do curso e onde atuam profissionalmente, resultando em projetos e execução da organização de arquivos locais

### **OFICINA DE HISTÓRIA IV 30H**

Nesta oficina o tema central será a História e a memória produzida por relatos e narrativas orais. A fonte oral é uma riqueza que pode ser explorada tanto no ensino como na pesquisa em história. Serão abordados tanto os aspectos teóricos, éticos e práticos do processo de produção da fonte oral como também do uso de tal fonte na escrita da história.

### **A ARTICULAÇÃO**



A articulação entre as disciplinas do curso diante da ideia da prática como componente curricular da Licenciatura ocorrerá em duas frentes: através das Oficinas de História, entendidas como disciplinas articuladoras por excelência, mas também através da interlocução entre todos os professores da série por ação das Coordenações Geral e dos Coordenadores de Polos, de modo a zelar para que todas as disciplinas, além da vocação específica de seu eixo, trabalhem também os demais eixos do curso.

As disciplinas que compõem a prática como componente curricular serão ministradas por dois professores, um com formação em história e outro com formação na área de educação, de forma autônoma e integrada.

## **OFICINAS DE HISTÓRIA I E II**

A Oficina de História III volta-se à compreensão das mídias e dos recursos audiovisuais na educação dos discentes; a contribuição específica da História nesse campo é o tratamento das mensagens midiáticas como documento. Nesse sentido, articulam-se conhecimentos referentes à metodologia da História e à Teoria da História (recuperando também as contribuições metodológicas das disciplinas Produção do Conhecimento Histórico, que deverão ser aplicados nas atividades práticas propostas. A temática dessas oficinas poderá estar voltada às abordagens de conteúdo das disciplinas “de conteúdo” da primeira série, História Antiga, História Medi- eval e Colonização da América Ibérica I e II.

A Oficina de História IV trabalha com os espaços não-escolares de ensino de História, e nesse sentido, elaborará suas oficinas a partir das contribuições de todas as disciplinas de caráter metodológico, teórico de conteúdo até esse ponto do curso, levando os alunos à análise e produção de propostas e atividades de ensino em instituições não-escolares voltadas para a preservação e divulgação da memória e da história.

## **OFICINAS DE HISTÓRIA III E IV**

Como essas disciplinas dedicam-se ao livro didático e outros materiais de ensino, a análise será amparada pelos conhecimentos adquiridos nas séries anteriores e na série em curso, ou seja, História do Brasil I e História Contemporânea I, que constituirão os recortes fundamentais para o estudo de materiais didáticos oferecidos pelo mercado editorial e para a produção de materiais alternativos para uso em sala de aula. A articulação com Estágio Supervisionado I é natural, servindo as análises e produções em Oficina para subsidiar e enriquecer as atividades em campo de estágio.

## **11.2. PRÁTICAS DE LABORATÓRIO**

Haverá práticas de laboratório em várias disciplinas ao longo do curso de licenciatura em História para instrumentar os acadêmicos em ferramentas da pesquisa e do ensino da História.